



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA
EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Mídia e Construção Social do Conhecimento: atentados terroristas
no relato de dois jornais brasileiros

Aluna: Ana Carolina Pereira Alves

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Amalia Pie Abib Andery

PUC/SP
São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Ana Carolina Pereira Alves

Mídia e Construção Social do Conhecimento: atentados terroristas
no relato de dois jornais brasileiros

Dissertação apresentada à banca
examinadora da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para a obtenção
do título de Mestre em Psicologia
Experimental: Análise do
Comportamento, sob orientação da
Prof^ª Dr^ª Maria Amalia Pie Abib
Andery.

Trabalho financiado pelo CNPq.

PUC/SP
São Paulo
2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte das contingências de reforçamento que me trouxeram até a conclusão deste trabalho.

Agradecimentos especiais à Raquel, que me abrigou em sua casa e me presenteou com o privilégio de sua amizade ..., à Carol Vieira, por continuar a ser uma grande companheira mesmo quando a distância impediu nosso convívio cotidiano tão querido, e que além do apoio irrestrito, soube como produzir em mim o responder necessário em etapas cruciais desse trabalho. Ao Renato, pelo amor, paciência e pelas ‘ajudas emergenciais’ que me salvaram inúmeras vezes. À Angélica, pela companhia mais que reforçadora, parceira de reflexões densas e também de muitas risadas que trouxeram a leveza necessária quando o contexto era angustiante.

Agradeço os ‘amigos behavioristas’ tão queridos que o contexto do mestrado me deu, a quem ‘amolei’ com as muitas reflexões despertadas no contexto acadêmico, que se tornaram para mim ‘questões existenciais’ - muitas vezes discutidas numa mesa de bar: Candido, Verônica, Rodrigo, Thaís Sales, Carol Perroni, Saulo, Marcelo, e mais recentemente, Ângelo.

Agradeço aos amigos queridos com quem tenho tido a oportunidade de trocar intensamente e que incrementam, com perspectivas diferentes, minha maneira de olhar o homem e o mundo: Maria, Jana, Domi, Martin, Marcelo, Afonso, Fábio, Poliana, Rafa, e tantos que não caberiam neste pequeno espaço...

Aos colegas, aos professores, e aos funcionários do laboratório que em conjunto constroem diariamente o PEXP, em especial à Regina, pela disponibilidade e o apoio técnico indispensável a tantos trabalhos.

Agradeço à Amália por ter me ensinado ao longo deste trabalho, ainda que de modo não sistemático, a pensar nos porquês da escolha pela vida acadêmica – algo que certamente repercutirá na definição dos caminhos futuros.

E não poderia terminar sem agradecer as pessoas que dispõem o conjunto de contingências mais precioso em minha vida: Pai, Mãe, Mari e Binho – a família que eu amo profundamente e que vem me apoiando em todas as escolhas da minha vida; e Marcel – que tem escolhido todos os dias continuar caminhando ao meu lado... dividindo todas as experiências, e agora, a conclusão desse trabalho.

"De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro" (Fernando Sabino)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
A perspectiva da análise do comportamento para a construção social do conhecimento	03
Mídia	09
Estudos sobre mídia e seus produtos (relatos) na Análise do Comportamento	15
MÉTODO	22
Fontes	22
Seleção e Coleta de Material	22
<u>1) critério para seleção das matérias nos jornais</u>	23
<u>2) da produção do registro fotográfico do material</u>	23
<u>3) da organização e registro das matérias selecionadas</u>	24
3.1. <i>Registro visual das matérias, por página</i>	24
3.2. <i>Registro individual das matérias</i>	25
Procedimento de Análise	25
I. Aspectos formais	25
<u>1. Tipo de matéria</u>	26
<u>2. Fonte/autoria da matéria</u>	27
<u>3. Caderno da matéria</u>	29
<u>4. Imagens</u>	29
II. Aspectos do Conteúdo	30
1. Classificação das manchetes e imagens	30
2. Palavras-chaves	33
III. Classificação das notícias segundo as categorias da CNN	34
RESULTADOS	35
<u>1. Do conjunto dos dados coletados</u>	35
<u>2. Dos tipos de matérias</u>	36
<u>3. Da autoria/origem das Matérias</u>	38
<u>4. Da distribuição das matérias nos cadernos dos jornais</u>	43
<u>5. Das Imagens</u>	45
5.1. <u>Tipos de Imagens</u>	45
5.2. <u>Autoria/origem das Imagens</u>	46

<u>6. O relato dos eventos nas primeiras páginas</u>	49
<u>7. Do conteúdo das manchetes e imagens no interior dos jornais</u>	54
<u>Sobre o 11 de Setembro</u>	54
<u>11 de Março</u>	57
<u>Uma comparação entre imagens e textos em ambos os jornais</u>	58
<u>8. Manchetes sobre a repercussão dos eventos</u>	59
<u>9. A extensão dada ao 11 de Setembro nas manchetes</u>	63
<u>10. O destaque ao Brasil na repercussão internacional dos eventos</u>	65
<u>11. A cobertura dos jornais comparada à cobertura da CNN na Internet na ocasião do</u> <u>11 de Setembro</u>	67
DISCUSSÃO	72
<u>Diferenças entre o 11 de Setembro e o 11 de Março no volume de notícias publicadas e</u> <u>na localização das matérias nos Cadernos dos dois jornais</u>	72
<u>Manchetes e imagens de origem estrangeira e sua relação com a perspectiva de Guerin</u> <u>(1992) sobre o conhecimento socialmente construído</u>	73
<u>Como os eventos foram relatados nas manchetes e imagens publicadas na Primeira</u> <u>Página dos jornais</u>	75
<u>O 11 de Setembro transformado em ‘O atentado de NY’</u>	77
<u>Sobre a classificação criada para a análise do conteúdo das manchetes e imagens</u>	89
<u>Algumas considerações sobre dificuldades de Método e o encaminhamento para novos</u> <u>estudos</u>	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Registro visual de uma página da Folha de São Paulo, na ocasião do 11 de Setembro	24
Figura 2. Número total de páginas e de páginas que continham matérias que faziam referência direta ou indireta aos eventos de ‘11 de Setembro de 2001’ e ‘11 de Março de 2004’ (número e percentual), nas edições analisadas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, respectivamente	35
Figura 3. Número de matérias publicadas pelos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo nos três dias subseqüentes aos eventos ocorridos em Setembro de 2001, nos EUA, e em Março de 2004, em Madri	36
Figura 4. Tipos de matérias encontradas nas edições analisadas da Folha de São Paulo e do O Estado de São Paulo, nos três dias subseqüentes aos eventos ocorridos nos EUA e em Madri	37
Figura 5. Origem das matérias sobre os eventos analisados, publicadas ao longo dos três dias, nos jornais consultados	39
Figura 6. Tipos de origem externa das matérias sobre os eventos ocorridos nos EUA e em Madri, publicadas nos três dias analisados, em cada um dos nos jornais consultados	41
Figura 7. Percentual de matérias publicadas nos cadernos dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, sobre os eventos analisados	44
Figura 8. Tipos de imagens presentes nas edições analisadas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, sobre os eventos ocorridos nos EUA e em Madri, respectivamente	45
Figura 9. Origem de cada tipo de imagem sobre os eventos de 11 de Setembro (EUA) e 11 de Março (Madri), publicadas nos três dias analisados, em cada um dos nos jornais consultados. Os quadros da esquerda mostram imagens publicadas na Folha de São Paulo (FSP) e os quadros da direita mostram imagens publicadas no O Estado de São Paulo (OESP)	48

Figura 10. As primeiras páginas das edições analisadas sobre o 11 de Setembro e o 11 de março. Cada quadro representa uma primeira página e cada painel um dos eventos. Na primeira linha dos painéis estão as páginas da FSP e na segunda linha as páginas do OESP. As classificações atribuídas às imagens também estão descritas. As manchetes são reproduzidas na íntegra	51
Figura 11. Imagens publicadas nas primeiras páginas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo nas edições analisadas sobre o 11 de Setembro (quadro superior) e sobre o 11 de Março (quadro inferior)	53
Figura 12. Classificação das manchetes e imagens publicadas nos jornais analisados, sobre o 11 de Setembro e o 11 de Março, de acordo com o seu conteúdo	56
Figura 13. Classificação das manchetes e imagens relacionadas à repercussão dos eventos de 11 de Setembro e 11 de Março nos jornais analisados	61
Figura 14. Manchetes publicadas na FSP e no OESP, que mencionam o evento de 11 de Setembro como um todo, ou apenas aspectos do evento ocorridos em um dos locais: Nova York, Washington / Pentágono, ou na Pensilvânia	64
Figura 15. Percentual de manchetes que relatavam ou analisavam a repercussão internacional dos eventos fazendo menção ao Brasil ou a outros países ou órgãos internacionais	66
Figura 16. Manchetes da FSP e OESP sobre o 11 de Setembro – quadros superiores - e o 11 de Março – quadros inferiores - distribuídas em percentual, de acordo com as classificações criadas pela CNN – quadro central - na publicação de notícias sobre o 11 de Setembro em sua página na internet	68

Alves, A. C. P. (2006). *Mídia e Construção Social do Conhecimento: atentados terroristas no relato de dois jornais brasileiros*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador(a): Maria Amalia Pie Abib Andery

Linha de Pesquisa: desenvolvimento de metodologias e tecnologias de intervenção

RESUMO

O conhecimento socialmente construído tem sido um tema explorado por estudiosos das Ciências Sociais, da Psicologia, e mesmo da Análise do Comportamento. Conhecimento socialmente construído é conhecimento que um indivíduo adquire do mundo por meio de descrições fornecidas pela comunidade verbal. Tal conhecimento é comportamento verbal que envolveria atos, autoclíticos e intraverbais - que são especificamente respostas verbais sob controle antecedente de estímulos também verbais. Nas sociedades ocidentais contemporâneas a mídia de massa tem desempenhado um papel importante na construção e manutenção de conhecimento socialmente construído, fornecendo às pessoas, através de seus veículos - jornais, TV, internet, rádio, cinema, entre outros - relatos verbais acerca de eventos que ocorrem no mundo. O presente estudo constituiu uma tentativa de desenvolver ferramentas e procedimentos de investigação do material produzido por dois jornais diários brasileiros sobre eventos que ficaram conhecidos como: (a) o atentado terrorista de 11 de Setembro de 2001, ocorrido nos EUA, e (b) o atentado terrorista de 11 de Março de 2004, ocorrido em Madri, na Espanha. Partiu-se da suposição de que a veiculação destes eventos por estes jornais funcionaria como estimulação verbal que promoveria no leitor respostas que identificamos como seu conhecimento desses eventos. Foram analisados aspectos formais e de conteúdo das manchetes e imagens de notícias em 12 edições da Folha de São Paulo e do O Estado de São Paulo, publicadas nos 3 dias subsequentes à ocorrência de cada um dos eventos. Selecionou-se para análise as matérias que faziam referência direta ou indireta aos eventos, no título ou no primeiro parágrafo. Foram registrados para cada matéria: os títulos, *leads*, o tipo de matéria, a origem da matéria, a presença, o tipo, e a origem da imagem. Os títulos e imagens foram classificados de acordo com o conteúdo apresentado e com classificações utilizadas pela rede CNN na cobertura do 11 de Setembro. Os resultados apontam para uma semelhança entre os jornais na configuração das suas primeiras páginas na veiculação de ambos os eventos: apresentando um relato dos eventos no primeiro dia, a reação imediata do país atingido no segundo, e a ênfase em apontar um suspeito no terceiro dia. No entanto, o conteúdo relatado foi diferente para cada evento - ambos os jornais mostraram o de 11 de Setembro como um ato de guerra e o foco da reação foi a agência governamental; já o 11 de Março foi contado como uma tragédia com ênfase nas vítimas e o foco da reação foram as manifestações da sociedade civil pela paz. Nos dois jornais, para os dois eventos, houve predomínio de manchetes e imagens de origem externa, provenientes de agências e jornais estrangeiros, sugerindo que o próprio comportamento verbal emitido pelos jornalistas já é, em muitas ocasiões, comportamento intraverbal ou conhecimento socialmente construído, com a implicação de que seus leitores têm um acesso mais indireto ao fenômeno do que o próprio relato do jornal permite supor. Estes resultados, apesar de iniciais, sugerem a importância de produzir alternativas metodológicas de

coleta e análise de dados com o objetivo de descrever (a) as variáveis que controlam aspectos específicos do comportamento verbal de quem produz o relato e (b) os possíveis efeitos comportamentais de tais relatos sobre os leitores.

Palavras-chave: análise do comportamento, comportamento verbal, intraverbal, imprensa, conhecimento socialmente construído.

ABSTRACT

Alves, A. C. P. (2006). Media and Social Construction of Knowledge: terrorist strike on report of two Brazilian daily newspapers.

Master thesis. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Social Construction of Knowledge has been a topic widely explored by researchers of Social Sciences, Psychology and even Behavior Analysis. Socially constructed knowledge is knowledge an individual acquires from the world through descriptions provided by a verbal community. It is verbal behavior that would involve tacts, autoclitics, and intraverbals, which are specifically verbal response under antecedent control of also verbal stimuli. In contemporary Western societies, mass media has played an important role in the construction and maintenance of social constructed knowledge, providing people, through its many vehicles - newspapers, TV, internet, radio, movies, among others - , with verbal accounts of events that occur in the world. This study sought to develop tools and procedures for an investigation of the material produced by two Brazilian daily newspapers on the events that became known as: (a) the terrorist strike of September 11, 2001, in the USA, and (b) the terrorist strike of March 11, 2004, in Madrid, Spain. It was assumed that the coverage of these events by these journals should function as verbal stimulation that would evoke in the reader responses which we thus identified as his knowledge of such events. Headlines and images found in the news from 12 editions of two Brazilian newspapers - Folha de São Paulo and O Estado de São Paulo - published during the 3 days that followed each of the events, were analyzed both in their content and formal aspects. Reports that referred directly or indirectly to the events, either in the title or first paragraph, were selected for analysis. For each report, the titles, leads, type and source of the report, and the presence, type, and source of the image were noted. Titles and images were classified according to the content they presented and to classifications used by CNN network on their coverage of the September 11 event. The results point to a similarity between both journals in the configuration of their first pages for the coverage of both events: showing a report of the events in the first day, the immediate reaction of the affected country in the second, and the emphasis in pointing out a suspect in the third day. However, the content reported was different for each event - both papers showed September 11 as an act of war, and the focus of the reactions were the government agencies; March 11, on the other hand, was told as a tragedy with emphasis put on the victims, and the focus of the reactions were civilian manifestations for peace. In both papers, for both events, there was an overall predominance of headlines and images from external sources, provided by foreign agencies and papers, suggesting that the very verbal behavior emitted by journalists is already, in many occasions, intraverbal behavior or socially constructed knowledge, implying that readers would have a more indirect access to the phenomenon than one might suppose from the paper's account by itself. These results, though embryonic, suggest the importance of producing methodological alternatives for collection and analysis of data, aiming to describe (a) the variables that control specific aspects of verbal behavior produced by the reporters, and (b) the possible behavioral effects of these accounts on the readers.

Keywords: behavior analysis, verbal behavior, intraverbal, press, socially constructed knowledge.

Banca Examinadora:

Dissertação defendida e aprovada em: ___/___/___

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e Data: _____

Muitos autores que se afirmam como analistas do comportamento têm se debruçado sobre questões que genericamente são chamadas de questões sociais – porque tratam de fenômenos que têm sido objeto de estudos das Ciências Sociais. Estes autores podem ser divididos em diferentes subgrupos, de acordo com as preocupações trazidas em seus trabalhos.

Há autores que tomaram como seu objeto temas, fenômenos, ou eventos tradicionalmente tratados por cientistas sociais - sociólogos, antropólogos, entre outros. São exemplos Mattaini e Magnabosco (1997) e sua análise do sistema americano de assistência social; Ellis (1991) e sua proposta de análise de *settings* correcionais; Kunkel (1991) que analisou a produção de apatia e irresponsabilidade em sistemas sociais, considerando dados e proposições da Sociologia e da Psicologia Social “interpretados” na perspectiva da Análise do Comportamento; Laitinen e Rakos (1997) e o estudo sobre o controle corporativo da mídia e da propaganda; Andery e Sérgio (1996), Namó (2001) e Martone (2003) que estudaram o relatar da mídia impressa acerca de eventos como crimes, ou terrorismo, que constituem também fenômenos sociais, e Todorov (1987), que analisou a constituição federal a partir do conceito de metacontingências, entre outros.

Há também, autores analistas do comportamento que se preocuparam com aspectos mais conceituais no âmbito das questões sociais, considerando que tais aspectos precisariam ser tratados na discussão dos fenômenos sociais sob a perspectiva da Análise do Comportamento. Dentre esses autores destacamos, por exemplo, Glenn (1986, 1988, 1991) e a proposição da noção de metacontingências para tratar relações entre práticas culturais e seus produtos; Malagodi (1986) que partiu do trabalho do antropólogo Marvin Harris para

traçar propostas de análises de fenômenos sociais no nível da cultura; Guerin (1992) que propôs uma análise da construção social do conhecimento – também partindo dos conhecimentos produzidos no âmbito da Psicologia Social.

E há, ainda, analistas do comportamento que, ao abordar questões sociais destacaram a importância de se analisar a própria interação entre a Análise do Comportamento, enquanto uma perspectiva explanatória para o comportamento humano - que parte do entendimento do comportamento como um fenômeno que ocorre no nível do indivíduo - e outras ciências, que tradicionalmente tratariam dos fenômenos que envolvem comportamento social e a interação entre indivíduos. Esses autores discutiram a necessidade da Análise do Comportamento aprender com estudiosos de outras ciências, como as Ciências Sociais (Glenn, 1988; Kunkel, 1991, 1997; Malagodi, 1986; Malagodi e Jackson, 1989). Algumas vezes criticaram os analistas do comportamento pela sua ignorância em relação aos trabalhos de outras áreas de conhecimento dedicadas ao estudo de questões sociais (Kunkel, 1991, 1997; Malagodi, 1986), ou ainda, focalizaram o oposto - como analistas do comportamento trataram de maneiras interessantes e importantes de questões sociais, conceitualmente e empiricamente - e foram solenemente ignorados (Guerin, 1992).

Skinner talvez possa ser visto como um autor que assumiu, em diferentes momentos (1953¹, 1978, 1987), um pouco de cada uma dessas posturas, propondo - a partir do conhecimento produzido empiricamente sobre o comportamento individual - análises conceituais de fenômenos ou questões sociais, como a noção de comportamento social, de agências de controle (1953), ou o modelo de seleção por conseqüências (1987) no qual reconhece a

¹ Data original da obra, a versão utilizada pela pesquisadora pode ser consultada nas referências bibliográficas. O mesmo vale para as publicações de 1948, 1957, 1972 e 1974.

relevância do terceiro nível de seleção do comportamento humano (o cultural)² e a necessidade de discutir as relações da análise do comportamento com outras áreas de conhecimento. Skinner discutiu ainda práticas sociais como o governo, a psicoterapia, a educação, o trabalho (1953, 1968, 1986) e questões como a necessidade e as possibilidades do planejamento da cultura para a solução de problemas humanos (1948, 1953, 1978), destacando as implicações do uso de tecnologias comportamentais para a solução de alguns problemas humanos.

Partindo desse breve panorama, pode-se afirmar que a produção de analistas do comportamento que poderia ser genericamente identificada como produção que envolve preocupação com questões sociais é, já, considerável, levando-se em conta a existência de revistas dedicadas ao tema - *Behavior and Social Issues* e *Behavior Analysis and Social Action* - e, pelo menos, de uma revisão sobre esta produção feita por Rillo Otero (2002).

O presente trabalho pretende, fundado na perspectiva da análise do comportamento, investigar a participação da mídia (um fenômeno social) em um (outro) fenômeno social – a construção social do conhecimento – partindo da análise proposta por Guerin (1992) para este fenômeno. Pretende-se utilizar, para tanto, notícias publicadas na imprensa brasileira sobre dois eventos ocorridos recentemente no mundo, conhecidos como (a) o atentado de 11 de setembro de 2001, ocorrido nos EUA, e (b) o atentado de 11 de março de 2004, ocorrido em Madrid, na Espanha.

A perspectiva da análise do comportamento para a construção social do conhecimento

² Segundo Skinner (1987), além do nível cultural, o comportamento seria selecionado, também, por contingências de dois outros níveis: o nível de seleção filogenético, relacionado à história da espécie, e o nível de seleção ontogenético, relacionado à história do indivíduo.

Guerin (1992), na tentativa de mostrar que a Análise do Comportamento poderia dar conta de produzir conhecimento sobre certos fenômenos estudados pelas Ciências Sociais, e de que tal conhecimento seria uma contribuição importante para o entendimento de tais fenômenos, analisou, sob a perspectiva da análise do comportamento, a construção social do conhecimento - um fenômeno estudado pela área que se convencionou chamar, dentro da Psicologia, de Psicologia Social. Guerin (1992) destacou nesta ocasião a existência de trabalhos experimentais e conceituais de analistas do comportamento sobre diversos fenômenos estudados por “psicólogos sociais” - cooperação, competição, comparação social, entre outros - cujo impacto na Psicologia Social foi pequeno, por não considerarem em sua análise, eventos ou processos cognitivos, como a percepção, que na visão dos autores da área, mediariam o comportamento social.

Guerin (1992) analisou o que chamou de *construção social do conhecimento*, também chamada por alguns autores da Psicologia Social de *representações sociais*, a partir da proposta de Skinner (1957) para a análise do comportamento verbal. Segundo Guerin (1992), o conhecimento do homem sobre o mundo seria de dois tipos: o primeiro tipo, que ele chamou de ‘*saber como*’, seria o comportamento modelado pelas contingências; o segundo tipo, denominado ‘*saber que*’, seria o conhecimento do mundo que é adquirido por meio de descrições fornecidas por uma comunidade verbal. Este segundo tipo de conhecimento necessariamente envolveria a mediação de outros indivíduos, ou seja, de uma comunidade verbal, sendo considerado, portanto, segundo a

perspectiva da análise do comportamento, necessariamente um conhecimento socialmente construído.

Ao analisar a noção de construção social do conhecimento, Guerin (1992) dialogou com as concepções apresentadas por dois autores da Psicologia Social, Gergen e Moscovici: Gergen teria defendido que o conhecimento seria o uso da linguagem, ou seja, uma atividade social. O homem estabeleceria relações com um mundo que nem sempre corresponderia ao mundo real e os termos utilizados para explicar este mundo seriam produtos dos relacionamentos sociais interligados a todo o resto da vida social. Já Moscovici teria afirmado que representações sociais seriam estruturas de conhecimento, construídas e partilhadas por grupos pela via de trocas sociais, cuja função seria dar sentido ao desconhecido, tornando os enigmas da vida mais familiares.

Guerin (1992) argumenta em seu trabalho que sua perspectiva para tratar do conhecimento socialmente produzido - na qual se afirma que um indivíduo adquire conhecimento via mediação de outros indivíduos, via relatos verbais - não teria contradições com os principais elementos do fenômeno descrito por Gergen e Moscovici. Porém, analisar a construção social do conhecimento sob o olhar da Análise do Comportamento, argumentou Guerin (1992), poderia ampliar as possibilidades de intervenção sobre os processos envolvidos nessa construção, na medida em que se assuma que tais processos são fenômenos no âmbito do comportamento.

Guerin (1992) tratou o conhecimento no sentido de ‘saber que’ com base em Skinner (1974), como a emissão de comportamento verbal apropriado ao contexto. No exemplo de Skinner, conhecer a capital do Peru significa ser capaz de dizer “Lima” num contexto apropriado, como o da pergunta “Qual a capital

do Peru?”. A distinção entre este tipo de conhecimento e o conhecimento adquirido no contato direto com as contingências colocaria limites, segundo Guerin (1992), para as realidades que podem ser socialmente construídas.

Realidades socialmente construídas existem apenas na medida que elas contatam contingências verbais. Na extensão em que contingências ambientais diretas modelam comportamentos comuns, nós não estamos lidando com construções sociais ou representações sociais. Isto significa que uma análise do comportamento das construções sociais deve olhar especificamente para a manutenção de comportamento verbal para mostrar como o conhecimento socialmente construído funciona (Guerin, 1992, p. 1425).³

Guerin (1992), voltando novamente a Skinner (1957) destacou em sua análise que a principal fonte de controle do comportamento verbal está na mediação de outros, o que confere o inerente caráter social deste comportamento que não seria, portanto, efetivo na ausência de outras pessoas. Para definir construção social ele selecionou, então, como noções importantes para se compreender o fenômeno, três operantes verbais: (1) tatos, (2) intraverbais e (3) autoclíticos. Porém discutiu apenas os dois primeiros.

Eu assumo no presente artigo que construções sociais envolvem apenas as formas [de comportamento verbal] chamadas intraverbais,

³ “Socially constructed realities exist only to the extent that they contact verbal contingencies. To the extent that direct environmental contingencies shape common behaviors, we are not dealing with social constructions or social representations. This means that a behavior analysis of social constructions must look closely at the maintenance of verbal behavior to show how socially constructed knowledge functions” (Guerin, 1992, p. 1425).

tatos e autoclíticos, embora apenas os dois primeiros possam ser discutidos aqui [neste artigo] (p. 1425).⁴

Segundo Guerin (1992), intraverbais seriam comportamentos verbais emitidos sob o controle discriminativo de outros comportamentos verbais antecedentes e de conseqüências produzidas especificamente por um ouvinte. O autor é categórico em afirmar que:

As únicas conseqüências na natureza que podem reforçar isto [uma cadeia intraverbal] são as que envolvem outra pessoa (Guerin, 1992, p. 1425).⁵

Guerin (1992) aponta também que as conseqüências fornecidas por outros provavelmente não são óbvias, além de serem intermitentes e mediadas por várias pessoas. Para fortalecer e exemplificar sua posição Guerin (1992) cita estudo de Di Giacomo que teria utilizado um procedimento de associação livre para estudar as representações sociais de um movimento de protesto. Para Guerin (1992) tais associações provavelmente seriam comportamentos intraverbais, puramente controlados por outros comportamentos verbais, ou seja, alguns estudantes no protesto só conheciam os eventos sobre os quais protestavam ‘de ouvir falar’, logo o comportamento verbal deles apenas seria controlado por palavras e pelas conseqüências sociais por reproduzir aquelas palavras num contexto apropriado (p. 1426).

⁴ “I assume in the present article that social constructions involve only the forms called intraverbals, tacts, and autoclitics ((Oah & Dickinson, 1989; Skinner, 1957) although only the first two can be discussed here” (Guerin, 1992, p. 1425).

⁵ “The only consequences in nature that can reinforce this are ones involving other people” (Guerin, 1992, p. 1425).

Guerin (1992) vai adiante, perguntando o que então controlaria a produção de palavras que seriam estímulos discriminativos para intraverbais, ou de maneira mais simples, de onde viriam as palavras que evocariam, por sua vez, outras palavras. E é com essa questão que o autor introduz em sua análise do construcionismo social o tato – um relato verbal cujo controle antecedente se dá por propriedades de estímulos não verbais do ambiente, que podem ser objetos, outra pessoa, ou mesmo o próprio sujeito, e que estaria na origem do conhecimento social.

Tatos são afirmações descritivas sobre nós mesmos e o ambiente, e sob o controle de estímulos do ambiente. Como tal, eles formam a principal base do conhecimento verbal.... A mudança de tatos para intraverbais é crucial na manutenção das representações sociais, quando o controle de estímulos muda do ambiente para outras palavras (Guerin, 1992, p. 1426)⁶.

A mudança do controle de estímulos (do ambiente para outras palavras) é fundamental para o conhecimento socialmente construído. Ou seja, possibilita a compreensão de que cada indivíduo - em contato com outros que se comportam verbalmente ou com o produto de seu comportamento (no presente trabalho, a mídia impressa) - adquire, ele mesmo, comportamento verbal que passa a ser mantido por conseqüências sociais generalizadas.

Assume-se no presente trabalho, que tratar de conhecimento social, portanto, envolve tratar da emissão de tatos, de como estes operam na produção

⁶ “Tacs are descriptive statements about ourselves and the environment, and are under stimulus control from the environment. As such, they form a major bases of verbal knowledge (...) The shift from tacts to intraverbals is crucial in the maintenance of social representations, when the stimulus control shifts from the environment to other words” (Guerin, 1992, p. 1426).

certos comportamentos intraverbais e de como esses últimos são mantidos. É uma implicação importante da maneira como o conhecimento intraverbal é mantido está no fato de que as comunidades verbais, ou os diferentes grupos com os quais o indivíduo se relaciona podem conseqüenciar tais relatos de maneira pouco clara e intermitente, visto que cada membro do grupo, ou cada grupo pode fornecer conseqüências diferentes para relatos semelhantes, gerando possíveis distorções no comportamento verbal (do indivíduo). Portanto, tanto com relação aos antecedentes (verbais) como às conseqüências (também verbais, generalizadas, intermitentes e pouco claras), o conhecimento socialmente construído seria então produzido apenas quando o conhecimento que alguém tem do mundo provém do contato direto com o comportamento verbal de outros indivíduos, grupos, ou com o produto do comportamento destes veiculado pelos meios de mídia (Guerin, 1992).

Mídia

Baseado na análise do conhecimento social, Guerin (1992) retomou uma preocupação de Skinner com o conhecimento socialmente construído nas sociedades ocidentais de hoje, nas quais se passa mais tempo nas instituições escolares e se aprende sobre o mundo muito mais como comportamento verbal, ou seja, como um falar sobre o mundo (*knowing that*), do que se aprende por meio do contato direto com o mesmo - conhecimento construído pelo contato com as contingências de reforçamento.

Na mesma linha de Skinner, Guerin (1992) preocupou-se com o papel da mídia na construção do conhecimento social:

Em termos analítico-comportamentais, as fontes de controle têm mudado de pequenas comunidades coesas para um controle mais geral e amplo. Um problema com a informação da mídia moderna, tal como a televisão, é que ela pode suportar a criação de representações sociais contra-factuais ainda na ausência de um grupo social, porque as conseqüências por repetir algo ouvido ou lido desta maneira são extremamente difusas e intermitentes (Guerin, 1992, p. 1428).⁷

Hoje, nas sociedades de massa, fazemos contato com os acontecimentos de muitos lugares do país e do mundo por meio do que é dito sobre eles nos veículos de mídia. Em outras palavras, conhecemos mais sobre o mundo, no sentido de que sabemos emitir comportamento verbal apropriado quando o contexto assim exigir, porém este conhecimento é intraverbal, ou seja, controlado por estímulos antecedentes verbais produzidos, neste caso, pela mídia. Há, portanto, uma questão de base a ser discutida: é difícil saber se os relatos feitos pela mídia (ou melhor, por seus agentes) são, de fato, fatos dos eventos por ela contados, como parecem ser. Os relatos têm características formais de fatos, mas é difícil identificar sua fonte antecedente de controle. E tais relatos têm sido, por sua vez, a fonte de controle antecedente do conhecimento social de muitos indivíduos acerca de eventos ocorridos em diversas partes do mundo. Logo, não é apenas a mediação que é importante quando se analisa como o indivíduo conhece o mundo, mas o aumento do número de mediações que ele passou a ter para conhecer o mundo com o

⁷ “In behavior-analytic terms, the sources of control have changed from smaller cohesive communities to a more general and widespread control. A problem with modern information media such as television is that they can support the creation of counterfactual social representations even in the absence of a social group, because the consequences for repeating something heard or read in this way are extremely diffuse and intermittent (cf. Mander, 1980)” (Guerin, 1992, p. 1428).

advento da mídia, mais particularmente da mídia de massa. A mediação via relato verbal, anteriormente promovida de maneira direta entre os indivíduos que se comportam, passou a ser uma espécie de cadeia de mediações onde alguns indivíduos têm acesso ao ‘relato do relato’ de um dado evento.

Embora, do ponto de vista do falante (que “adquire conhecimento” pela mídia) ainda caiba ao grupo mais próximo o controle sobre seu comportamento, pelas conseqüências diferenciais que seguem certas afirmações emitidas pelo indivíduo, agora cabe também aos chamados meios de comunicação um papel nessa produção de conhecimento social. Esse papel desempenhado pelos meios de comunicação suscita, então, a preocupação de compreender como esse conhecimento é construído quando envolve meios de mídia. Esta preocupação que já era grande desde há muito, cresce com o processo de globalização econômica e cultural – quando passa fazer sentido a expressão ‘cultura da mídia’.

A Cultura da Mídia

Kellner (1995/2001)⁸, em seu livro *A Cultura da Mídia*⁹, tratando dos elementos que constituem uma cultura da mídia, destacou diversos tipos de ‘veículos’ que fazem parte do que ele define como mídia de massa, tais como: sistemas de rádio e reprodução de som como discos, Cds, fitas; os filmes de cinema e também os seus modos de reprodução como videocassetes, aparelhos de DVD e a televisão; a imprensa pela via de jornais e revistas e, por fim o

⁸ Douglas Kellner ocupa, atualmente, a cadeira de Filosofia da Educação de George F. Kneller na *University California Latin America (UCLA)*.

⁹ A edição original do livro é de 1995. A edição consultada é uma tradução editada em 2001 (ver nas Referências Bibliográficas).

sistema de televisão, que ocuparia uma posição de destaque numa cultura deste tipo.¹⁰

Com tantos ‘veículos de transmissão de informação’, como os citados acima, o alcance da mídia sobre indivíduos de diversos grupos numa sociedade é um fator a ser levado em conta tanto na construção social do conhecimento como na produção e manutenção de repertórios comportamentais diversos. No trecho a seguir, Kellner (1995/2001), destaca este efeito da mídia.

Numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não (Kellner, 1995/2001, p. 10).

Kellner (1995/2001), partindo de outra perspectiva, tratou a cultura da mídia em termos que constituem, claramente, comportamentos. O trecho a seguir permite constatar essa afirmação e aponta, também, a extensão do controle exercido pela mídia sobre o comportamento verbal e não verbal de indivíduos e grupos sociais.

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade.... A cultura da mídia também fornece o material com que

¹⁰ Note que neste livro o autor ainda não cita a internet como parte dos veículos de mídia de massa.

muitas pessoas constroem seu senso de classe, de etnia, e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo, e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral (Kellner, 1995/2001, p. 9).

O que Kellner (1995/2001) chamou de cultura – vida cotidiana, laser, opiniões políticas, comportamentos sociais, identidade, senso de classe, de etnia, de raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’, visão de mundo, valores – são comportamentos, construídos socialmente e historicamente, na interação com outros indivíduos e com o mundo e, neste caso, especialmente pela interação que envolve contato com os meios de mídia. A opinião dele não difere, portanto, do que os analistas do comportamento chamariam de cultura, ou mesmo de como diriam que ela é construída na relação sujeito-ambiente.

O termo ‘veicular’ poderia ser interpretado a partir da noção de que o texto, ou a imagem da mídia, entendidos como produto do comportamento de indivíduos (o texto dos jornais, a fala dos jornalistas televisivos, um roteiro de cinema etc.), envolve em sua produção um conjunto de atividades desenvolvidas em organizações sociais (os chamados meios de comunicação). O produto se torna, então, estimulação que controla comportamentos daqueles que entram em contato com ele. E vale lembrar, aqui, que os indivíduos só se tornam sensíveis aos produtos da mídia por duas razões: a primeira refere-se ao fato de que o homem é sensível ao comportamento de outros homens como parte de seu ambiente (Skinner, 1953); e a segunda – que se origina desta

primeira – é que a sensibilidade de cada indivíduo é devida a longos processos aos quais é submetido, nesse caso, processos como alfabetização, leitura, entre outros, relacionados ao desenvolvimento do comportamento verbal.

A mídia, então, controlaria o comportamento de muitas pessoas, em um grupo ou em diferentes grupos sociais, explicitando-se nesse fato a relevância de estudá-la, já que faria parte do processo de construção não apenas do conhecimento sobre o mundo, como também do conhecimento construído pelo homem sobre ele próprio em sua relação com o mundo.

Kellner (1995/2001) destaca ainda que ao aprender a ler e criticar a mídia, os indivíduos poderiam aprender a resistir à sua manipulação e aumentariam sua autonomia diante da ‘cultura da mídia’ (p. 10). O autor caminha, desse modo, na mesma direção da análise do comportamento: não se trata de supor que a mídia – ou qualquer outra organização – poderia deixar de controlar comportamento via seus produtos, mas de buscar alterar o controle, seja alterando os procedimentos e processos de controle do comportamento, seja aumentando as possibilidades de contracontrole.

O presente trabalho tal como proposto tem relevância uma vez que a análise proposta poderia estender o conhecimento já produzido sobre a mídia e seus produtos, destacando sua importância no processo de construção do conhecimento social. A análise de relatos produzidos por alguns veículos de mídia deveria produzir interpretação que possa vir a destacar os procedimentos e processos envolvidos no controle do comportamento humano quando este é afetado (produzido, fortalecido ou modificado) pelas notícias veiculadas promovendo conhecimento e possibilidade de transformação sobre o controle.

Estudos sobre mídia e seus produtos (relatos) na Análise do Comportamento

São de especial interesse no presente trabalho, os estudos que analisaram relatos publicados na imprensa, ou seja, um veículo impresso de notícias. A seguir, estão descritos mais detalhadamente, alguns trabalhos de analistas do comportamento, que se dedicaram à análise de relatos verbais produzidos pela mídia impressa.

Rakos (1993) analisou a relação entre a mídia e o governo americano, no que ele descreveu como uma campanha publicitária com o objetivo de promover o apoio da população à invasão do Iraque pelos Estados Unidos, em 1991. O autor analisou todas as edições do jornal *New York Times*, entre o dia 2 de agosto de 1990 e o início da guerra, em 16 de janeiro de 1991, identificando no conteúdo das matérias publicadas quatro operações de controle de estímulos que teriam sido manipuladas pelo governo, afetando o comportamento dos consumidores da mídia. As quatro operações identificadas por Rakos (1993) no relato da imprensa foram: (1) operação de estabelecimento de estímulos discriminativos, (2) operações estabelecedoras, (3) estabelecimento de regras e (4) estabelecimento de símbolos (estímulos formados por meio de operações como equivalência de estímulos). O autor categorizou as matérias selecionadas a partir dessas quatro operações de controle de estímulos e periodicamente correlacionou esse dado com pesquisas de opinião pública com respeito à necessidade do país declarar guerra ao Iraque. Um exemplo de uma das operações identificadas por Rakos (1993) seria a formação de classes de estímulos equivalentes promovendo transitividade entre “símbolos” tais como:

Hussein (“A”) que foi igualado a Hitler (“B”), e então, com um mal indescritível e irracional (“C”).

Juntamente às operações de controle de estímulos, Rakos (1993) identificou o uso, pelo jornal, de estratégias como a desinformação, a restrição de informação e várias técnicas de apresentação parcial da informação. Um exemplo de desinformação e também do uso de uma operação estabelecadora dado por Rakos (1993) foi um “caso” relatado pela mídia da seguinte maneira: “saqueadores iraquianos invadiram um hospital e desconectaram 312 incubadoras, levando bebês doentes e indefesos a uma morte desumana”. Essa notícia, em primeiro lugar, seria, segundo o autor, uma operação estabelecadora do Iraque e de Hussein como um violador da decência e de direitos humanos, em segundo lugar, era uma notícia forjada, e só foi desmentida oficialmente depois que a guerra já havia terminado, um exemplo claro de uma estratégia de desinformação.

Rakos (1993) identificou na análise das notícias publicadas, que a inserção de informações que apresentavam a intenção de conflito armado por parte do governo aumentou gradualmente ao longo de cinco meses. No início, as pesquisas de opinião indicavam uma rejeição da população ao conflito armado - que Rakos interpretou como um estímulo aversivo. A intensidade da aversividade começou então a ser enfraquecida gradualmente. Segundo Rakos (1993), como principal resultado, então, das operações colocadas em efeito na mídia, a população americana, em janeiro de 1991, apoiou a invasão do Iraque pelos estados Unidos.

Andery e Sérgio (1996) analisaram notícias sobre um conjunto de episódios de violência, publicadas no período de um ano, em jornais de

circulação diária (Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo). O objetivo das pesquisadoras era traçar análises dos episódios relatados a partir da concepção de controle coercitivo de Sidman (1989). Foram selecionados os relatos emitidos sobre três episódios específicos: (1) o massacre dos presos na Casa de Detenção do Complexo Carandiru, em São Paulo (2) o assassinato de crianças que dormiam na porta da igreja da Candelária no Rio de Janeiro e (3) o assassinato de pessoas de uma comunidade da favela do morro Vigário Geral, também no Rio de Janeiro. Andery e Sérgio (1996) se detiveram na análise das manchetes das notícias publicadas ao longo de um ano após a ocorrência dos episódios, acompanhando a distribuição temporal das notícias, aspectos dos episódios destacados nas manchetes e as consequências do controle coercitivo envolvido nos episódios tal como eles eram retratados. Algumas categorias de análise foram produzidas a partir dos relatos: DESCRIBE O EPISÓDIO TODO, DESCRIBE ASPECTOS DO EPISÓDIO, DESCRIBE AÇÕES DOS AGRESSORES DURANTE O EPISÓDIO, DESCRIBE RESULTADOS DO EPISÓDIO, DESCRIBE CONSEQUÊNCIAS PARA OS AGRESSORES, entre outras.

As autoras encontraram resultados significativos referentes ao controle coercitivo envolvido nos episódios, porém aqui se faz importante o destaque a um outro aspecto da análise de Andery e Sérgio (1996), relativo à caracterização das manchetes: as manchetes encontradas, por exemplo, foram, segundo as autoras, mais descritivas do que analíticas; quando as manchetes eram analíticas, indicavam uma avaliação dos episódios, ou uma tentativa de encontrar o(s) culpado(s), enfatizando a ação do estado. Categorias mais amplas de análise, como ANÁLISE DE VARIÁVEIS DE CONTROLE, ou ANÁLISES QUE SE REFEREM A OUTROS EPISÓDIOS foram raras. O relato da imprensa terminava por

restringir o episódio à ação violenta de alguma parte, em detrimento da análise das conseqüências últimas da coerção. Alguns exemplos de categorias que apareceram mais vezes nos três episódios relatados foram: DESCRIBE ASPECTOS DO EPISÓDIO; DESCRIBE A AÇÃO DOS AGRESSORES DURANTE O EPISÓDIO; DESCRIBE CONSEQÜÊNCIAS PARA AS VÍTIMAS; DESCRIBE AÇÕES DO ESTADO; DESCRIBE AÇÕES DE PESSOAS DIRETAMENTE AFETADAS.

Um outro estudo que também utilizou como fonte de dados notícias sobre violência publicadas em um jornal diário foi o de Namó (2001). O autor analisou notícias que foram publicadas na primeira página do jornal *Folha de São Paulo*, ao longo do ano de 1999. Três aspectos foram destacados para a análise das notícias: (1) o tipo de violência relatado, (2) os efeitos da violência relatados e (3) as vítimas e os agentes da violência relatados. Os dados sobre o tipo de violência mais publicado foram comparados com os dados oficiais sobre violência, publicados pela Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. Namó (2001) buscou, a partir do estudo desta comparação, analisar as características da violência retratada por um meio de mídia, bem como traçar um perfil do posicionamento do jornal ao selecionar, editar e relatar eventos violentos. Tal análise poderia, segundo o autor, revelar distorções, reduções ou a priorização por parte do jornal de aspectos dos eventos relatados. Um resultado encontrado pelo autor, especialmente relevante, foi o número de notícias publicadas sobre homicídios – o evento mais relatado entre todas as notícias analisadas, uma vez que este não era o evento “criminoso” que estava em primeiro lugar na lista oficial publicada pela Secretaria de Segurança Pública, revelando um viés ou priorização na publicação, pela imprensa, de um tipo de crime que não foi, de fato, o mais registrado nos dados oficiais do

estado. Tal resultado, como sugeriu Namó (2001), deve ser considerado quando se pretende discutir a importância da mídia na construção social do conhecimento (conhecimento intraverbal).

Martone (2003) analisou os relatos da imprensa sobre os ‘ataques terroristas de 11 de setembro de 2001’ através de notícias publicadas na *Internet*, no *site* eletrônico da *Agência CNN* de notícias.

O autor coletou do arquivo do *site* da CNN, notícias publicadas durante três dias, do dia 11 de setembro de 2001, o próprio dia em que o evento ocorreu, até o dia 13 de setembro. O total de notícias coletadas foi 116. As notícias coletadas já haviam sido classificadas pela própria agência de notícias como: VÍTIMAS, DIA DE TERROR, RECUPERAÇÃO, INVESTIGAÇÃO e RETALIAÇÃO. Martone (2003) deteve-se na análise das manchetes e primeiros parágrafos (parágrafos de síntese) das notícias, organizando-as cronologicamente e construindo um banco de dados no qual constavam: número da notícia, dia de veiculação, hora de veiculação, manchete traduzida, categoria da CNN à qual pertencia a notícia, categorização da notícia segundo o experimentador e identificação na manchete da ação de alguma agência de controle.

A categorização feita pelo autor enfatizou aspectos relacionados ao comportamento de indivíduos, grupos ou agências de controle envolvidos nos relatos, por exemplo: REAÇÃO INSTITUCIONAL, REAÇÃO POPULAR, REAÇÃO INTERNACIONAL, REAÇÕES DE POLÍTICOS AMERICANOS, entre outras.

Para a análise de como agências de controle poderiam ser apresentadas nas notícias selecionadas, Martone se baseou na análise de agências controladoras feita por Skinner em 1953, adicionando às agências originalmente

propostas¹¹, mais duas: (1) ‘Imprensa’ e (2) ‘Esportes e Entretenimento’. As agências encontradas foram ‘Governos’, ‘Economia’, ‘Educação’, ‘Psicoterapia’, ‘Imprensa’ e ‘Esportes e Entretenimento’.

Além dessas categorias Martone tentou traçar uma espécie de análise cultural dos relatos da CNN, selecionando no texto das notícias ações internas e externas do que ele chamou de cultura A - uma cultura islâmica fundamentalista praticada por países do Oriente Médio e da Ásia – e do que ele denominou cultura B – uma cultura capitalista, industrial e protestante, praticada por indivíduos residentes na América do Norte.

Os principais resultados do trabalho de Martone (2003) apontam, dentre outras coisas, que houve publicação de notícias que tratavam de retaliação, antes mesmo do aparecimento de notícias sobre investigação dos fatos. Outro dado relevante foi uma predominância de notícias nas quais a agência ‘Governos’ apareceu, seguida de notícias que trataram da agência econômica. Este resultado foi relacionado por Martone (2003) ao estudo de Rakos (1993) que tratou da relação entre a agência governo e a mídia quando o *Kuwait* foi invadido pelo Iraque e, posteriormente, os Estados Unidos declararam guerra a este último. Contudo, Martone (2003) não pôde, a partir dos dados coletados, discutir mais profunda e sistematicamente as distintas práticas culturais, dado que além das notícias cobrirem um curto espaço de tempo após o evento, nenhuma notícia publicada relatava o contexto antecedente das supostas ações terroristas, bem como outras ações posteriores da cultura americana em relação a ela própria ou à sua relação com outras culturas.

¹¹ As agências de controle propostas por Skinner (1953) eram cinco: Governo, Educação, Religião, Economia e Psicoterapia.

Todos os estudos apresentados tiveram como seu principal objeto a mídia impressa – no caso de Martone (2003), a eletrônica. O presente trabalho pretendeu assim como os anteriores, analisar a veiculação de matérias na imprensa. Destacou-se como foco de análise a publicação de matérias em veículos da imprensa brasileira, com respeito a dois episódios específicos que ficaram conhecidos como: (a) o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, ocorrido nos EUA, e (b) o atentado terrorista de 11 de março de 2004, em Madrid, na Espanha. O conhecimento das pessoas, que não presenciaram o evento e que leram jornais, a respeito desses eventos é um exemplo do que Guerin (1992) chamou de conhecimento socialmente construído, ou seja, pode ser caracterizado como comportamento verbal produzido a partir do que foi lido nos jornais, ou visto na televisão – enfim, originado do contato desses indivíduos com a mídia. É, portanto, comportamento verbal promovido por outras amostras de comportamento verbal (as notícias) e possivelmente mantido pelo grupo social. Buscou-se identificar características nos relatos publicados sobre cada um desses eventos na tentativa de responder a algumas perguntas: (1) Quais as características - formais e de conteúdo - dos relatos publicados em alguns veículos de imprensa do Brasil sobre os eventos de 11 de setembro de 2001 e 11 de março de 2004? (2.a) Há semelhanças e/ou diferenças em relação à forma ou ao conteúdo dos relatos num mesmo jornal na publicação dos dois eventos? (2.b) Há semelhanças e/ou diferenças em relação à forma ou ao conteúdo dos relatos entre os diferentes jornais na publicação do mesmo evento? (3) As características formais e de conteúdo da cobertura feita pelos jornais produziriam diferentes comportamentos intraverbais a respeito dos eventos relatados naqueles que são afetados pelos relatos publicados em cada jornal?

MÉTODO

Fontes

Foram analisadas manchetes e imagens de notícias publicadas em dois jornais diários de circulação nacional, escolhidos devido ao grande número de exemplares produzidos e vendidos diariamente:

- **Folha de São Paulo** – jornal avaliado no site da Associação de jornais e revistas de bairro de São Paulo, em novembro de 2003, como campeão de circulação¹², com 9.303.055 exemplares impressos em setembro do mesmo ano;
- **O Estado de São Paulo** – jornal avaliado como o terceiro em circulação no mesmo mês com 7.142.521 exemplares publicados ao longo do mês.

Três edições de cada um desses jornais foram selecionadas, publicadas nos três dias seguintes aos eventos ocorridos (a) no dia 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos (EUA), e (b) no dia 11 de março de 2004 na Espanha. Foram analisadas, então, as edições da *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* do dia 12 ao dia 14 de setembro de 2001 e do dia 12 ao dia 14 de março de 2004, resultando em um total de 12 edições analisadas.

Seleção e Coleta do Material

As edições dos jornais analisados foram coletadas no Arquivo Público do Estado de São Paulo, uma instituição dedicada a arquivar e conservar

¹² Esta foi a única fonte encontrada com dados comparativos sobre a circulação dos principais jornais brasileiros, apesar de não serem tão recentes. Dados da tiragem média mensal de 2005 foram conseguidos apenas com relação à Folha de São Paulo – 350.000 exemplares em dias úteis e 430.000 aos domingos (site do próprio jornal) – e ao Estado de São Paulo – 220.189 exemplares em dias úteis e 304.156 aos domingos (média de abril de 2005, informada pelo departamento de pesquisa de mercado do próprio jornal). O jornal O Globo, considerado o jornal com a segunda maior circulação não informa os números de sua circulação.

documentos administrativos históricos do Estado, e que dispõe em seu acervo, dos jornais selecionados para o presente trabalho.¹³

1) critério para seleção das matérias nos jornais

Nas 12 edições previamente definidas pela pesquisadora foram selecionadas todas as páginas que continham matérias (relatos) – reportagens, matérias assinadas, entrevistas, notas, *boxes* ou editoriais – que faziam referência direta ou indireta, no título ou no primeiro parágrafo, aos eventos mencionados. No caso das notas, vale ressaltar, foi feita uma leitura integral do conteúdo, visto que muitas não continham título, ou o título não fazia referência explícita ao seu conteúdo.

2) da produção do registro fotográfico do material

Todas as páginas que continham matérias que atendiam aos critérios estabelecidos para seleção foram fotografadas pela pesquisadora por meio de câmera fotográfica digital equipada com tripé. Foram feitos alguns testes fotográficos para ajustar a distância necessária entre a câmera e o jornal, e a definição, em *pixels*¹⁴, que as fotos deveriam ter para produzir imagens com a nitidez necessária para posterior leitura no computador. O tamanho escolhido para as imagens foi 3 megapixels. Para a execução das fotos, o jornal era colocado aberto sobre um suporte apropriado, no chão do salão de consultas e o tripé fixava a câmera a uma altura de cerca de 1,5m do chão.

¹³ Para saber mais acesse o site <http://www.arquivoestado.sp.gov.br>

¹⁴ *Pixel* é o menor elemento em um dispositivo de exibição (como, por exemplo, um monitor), ao qual é possível atribuir-se uma cor. De uma forma mais simples, um pixel é o menor ponto que forma uma imagem digital, sendo que o conjunto de milhares de *pixels* forma uma imagem inteira (pt.wikipedia.org/wiki/Pixel, acessado em 3 de fevereiro de 2006).

3.2. *Registro individual das matérias*: Uma vez coletadas as matérias e imagens relacionadas aos eventos procedeu-se ao registro de cada uma delas, em planilhas com o objetivo de organizar todas as informações referentes a cada matéria ou imagem selecionadas. Foram registrados para cada matéria ou imagem: o jornal em que foi publicada (FSP ou OESP) a data da publicação, o número da página, o título da matéria e o LED (frase abaixo do título). Cada matéria ou imagem foi também classificada segundo um conjunto de critérios e os seguintes itens de classificação foram então registrados: o tipo da matéria (reportagem, nota, *box*, entrevista e chamada de capa), a presença ou não de imagens associada à matéria, o tipo de imagem (foto, esquema, mapa, ilustração, imagem mista), e as fontes da matéria e/ou das imagens (o próprio jornal, autoria externa, agência nacional de notícia, agências e jornais estrangeiros, sem fonte explícita, outra fonte). (Anexo 2 em CD).

Procedimento de Análise

Os aspectos segundo os quais as matérias e imagens foram analisadas e classificadas são aqui definidos como aspectos formais, de conteúdo. Foram também utilizadas classificações formuladas pela agência CNN de notícias com base no estudo de Martone (2003).

I. Aspectos formais

Aspectos que aqui chamamos formais envolvidos na veiculação das notícias foram analisados com base na suposição de que características tais como o tamanho das notícias, a sua disposição pelo jornal e pelas páginas em que aparecem, a presença ou não de imagens, a quantidade de notícias e mesmo

a origem e o formato destas notícias são, todos eles, aspectos que podem ter efeitos sobre os comportamentos do leitor que, por meio do contato com a cobertura da imprensa sobre determinados eventos, tem “acesso indireto” a tais eventos e a partir daí adquire repertório – pelo menos verbal – sobre tais eventos que chamamos de conhecimento ou informação.

1. Tipo de matéria

As matérias foram classificadas como reportagens, entrevistas, notas, *boxes*, e chamadas de capa.

a) *Reportagens*: matérias que tinham manchetes, um texto com um ou mais de um parágrafo relacionado aos eventos ou a aspectos relacionados aos mesmos e que não tinham a forma de perguntas e respostas, característica das *entrevistas*. Textos de colunistas permanentes de cada jornal foram incluídos nesta categoria.

b) *Entrevistas*: matérias com características semelhantes às das reportagens (manchetes, fotos, etc), mas com texto construído com perguntas e respostas.

c) *Notas*: matérias que continham apenas um ou dois parágrafos, podendo ou não ter um título. Tais matérias foram encontradas com frequência em colunas ou seções fixas do jornal, como por exemplo, no caderno de economia, ou na coluna social dos cadernos de cultura e eventos.

d) *Boxes*: quadros com imagens e textos que não tinham dependência direta de outras matérias, ou seja, que poderiam ser lidos isoladamente.

e) *Chamadas de capa*: diferem das *reportagens* porque (1) estão na primeira página, ou seja, são as manchetes, fotos e textos, que o jornal apresenta em destaque e (2) têm fragmentos dos textos das reportagens que constam naquela

edição, sem muitas vezes, explicitar suas fontes, indicando apenas as páginas onde se encontram as matérias.

Os editoriais e textos da segunda e terceira páginas dos jornais não entraram na seleção, pois apresentavam títulos pouco descritivos cuja classificação exigiria critérios diferentes e mais específicos. Alguns exemplos de títulos presentes em textos dessa seção foram: “Uma mola comprida”; “O inimigo invisível”; “Terror”; “A dimensão monstruosa do terrorismo” – na ocasião do 11 de Setembro – e “A grandeza da Espanha democrática”; “O horror e a incerteza”; “Sob impacto do terror” – na ocasião do 11 de Março.

2. Fonte/autoria da matéria

Foram registradas e classificadas a autoria e/ou a fonte de cada matéria selecionada, da seguinte maneira:

a) Matéria Assinada: matérias com assinatura de um ou mais (a) jornalistas, ou colaboradores dos próprios jornais, (b) jornalistas e/ou outros autores brasileiros externos aos jornais, ou ainda, (c) autores estrangeiros, independentes ou vinculados a jornais ou agências de notícias de outras nacionalidades.

b) Matéria cuja fonte é uma agência de notícia: matérias cujo crédito era a sigla ou o nome de uma agência de notícias, ou ainda o crédito genérico ‘com agências internacionais’. Essa classificação foi subdividida em ‘matérias de agências de notícias nacionais’ e ‘matérias de agências de notícias estrangeiras’. No caso das matérias cujo crédito era atribuído apenas a uma sucursal do jornal analisado – p.ex. Sucursal de Brasília, no caso da Folha de São Paulo – a autoria foi também atribuída a uma agência de notícias nacional,

por duas razões: (1) a ausência de um autor específico, e (2) ter sido produzida em local externo à redação do jornal, na qual as notícias que chegam são finalmente incluídas ou não na próxima edição.

Convém ressaltar que uma matéria assinada que também trazia o crédito de agência de notícias nacional ou estrangeira recebeu as duas classificações, compondo uma classificação mista, como por exemplo, ‘matéria assinada com agência estrangeira’.

c) Matéria produzida na redação do jornal: esta classificação foi atribuída às matérias cujos créditos indicavam apenas a expressão *Da Redação*.

d) Matéria produzida por jornal estrangeiro: textos inteiros publicados em jornais estrangeiros, que eram apenas traduzidos para a publicação nos jornais analisados.

Alguns desses textos também eram assinados por um autor específico, de modo que receberam as duas classificações, compondo a combinação *matéria assinada por autor estrangeiro de jornal estrangeiro*.

e) Jornal estrangeiro utilizado como fonte: matérias nas quais jornais de outros países figuravam ao lado de agências de notícias, como fonte. Nesse caso, as matérias não eram extraídas apenas de um jornal, não cabendo portanto, a classificação anterior.

f) Sem fonte explícita/ Outra Fonte: foram classificadas dessa maneira, as matérias que não traziam créditos, ou seja, não ficava explícita para o leitor a sua origem. Optou-se por não atribuí-las ao jornal, visto que as matérias produzidas na redação, no caso da Folha de São Paulo, vinham creditadas de maneira específica. Apesar do jornal O Estado de São Paulo não utilizar a expressão *Da Redação* em suas matérias, dando margem à atribuição das

matérias sem crédito explícito ao próprio jornal, optou-se por não fazê-lo de modo a evitar equívocos¹⁵.

Também recebeu esta classificação um número reduzido de casos em que não foi possível identificar a fonte de imagens e matérias em razão de distorções nas fotografias, que impediam a leitura dos créditos que vêm em tamanho reduzido em relação ao tamanho padrão do texto dos jornais, ou em imagens assinadas por cartunistas ou ilustradores, cujo traço não pôde ser identificado pela pesquisadora. Esse tipo de problema ocorreu, na FSP, com apenas 8 imagens (2,7%) e 2 manchetes (0,52%) - considerando-se todas as edições analisadas, e no OESP, ocorreu com 8 imagens (3,29% do total das seis edições).

3. Caderno da matéria:

Para cada matéria registrou-se também o caderno do jornal em que foi publicada. No caso do 11 de Setembro foram criados, nos dois jornais, cadernos especiais para as matérias dedicadas ao evento, o que também foi registrado.

4. Imagens:

Registrou-se a presença ou não e o tipo de imagens em todas as matérias analisadas. As imagens foram classificadas como (a) fotos; (b) esquemas com textos, geralmente itemizados, com arranjo gráfico especial; (c) ilustrações; (d)

¹⁵ Um entendimento da política e normas de publicação dos jornais poderia, em certa medida, auxiliar em uma classificação mais precisa das matérias sem crédito explícito, porém buscou-se traçar no presente trabalho, uma análise dos relatos publicados, tal qual se apresentam para o leitor comum, que não possui intimidade com os processos envolvidos na produção dos relatos da imprensa.

mapas; (e) gráficos; (f) imagens mistas, compostas por combinações de esquemas e mapas, e/ ou esquemas e fotos.

As fontes das imagens foram também registradas e classificadas segundo sua origem, como: (a) agências de notícias/ imagens estrangeiras, (b) agências nacionais e (c) imagens sem fonte explícita.

II. Aspectos do Conteúdo

O que pode ser chamado de conteúdo das matérias e imagens envolveu distintas classificações das matérias – especialmente de suas manchetes e *leads* – e imagens, cada uma delas com ênfases e critérios próprios.

1. Classificação das manchetes e imagens:

Inicialmente, foram propostas 18 classificações bastante específicas para cada imagem ou matéria, de acordo com o conteúdo encontrado nas manchetes e imagens publicadas nas 12 edições analisadas (Ver Anexo 2 em CD).

A classificação foi feita principalmente com base na leitura dos textos das manchetes e em seus *leads*, e com base na análise das imagens. O objetivo de tal classificação foi o de permitir uma organização do material coletado em busca de semelhanças e diferenças na veiculação dos eventos analisados para que se pudesse, a partir de tal classificação - e em conjunto com as demais tentativas de organização e sistematização do trabalho - fazer inferências a respeito dos efeitos da veiculação de notícias nos jornais analisados sobre os comportamentos do leitor em relação a aquilo que poderíamos chamar de conhecimento do leitor sobre os eventos.

Essas classes foram então re-agrupadas em quatro grupos mais amplos que pretendiam refletir o aspecto do evento que era apresentado como foco da

matéria e/ou imagem: (a) matérias e imagens relacionadas mais diretamente ao evento e vítimas, (b) matérias e imagens relacionadas à repercussão do evento, (c) matérias e imagens sobre outros eventos relacionados e (d) outro: matérias ou imagens que não correspondiam ao perfil de nenhum dos três grupos. Segue abaixo a descrição dos aspectos que definiram a classificação das imagens e matérias em cada um dos grupos mencionado:

a) Manchetes e imagens relacionadas mais diretamente ao evento e vítimas: foram assim classificadas as manchetes que relatavam o evento ou aspectos do evento, como por exemplo, as manchetes “‘Não faça besteira e não será ferido’, disse seqüestrador”, ‘No Pentágono, mesa é usada como escudo’, e ‘Corpos e destroços compõem o cenário’.

Entraram também nesta classificação, imagens que mostravam o momento de ocorrência dos eventos, como por exemplo, fotos que mostravam os aviões atingindo as torres do World Trade Center (WTC), em Nova York; ou os vagões dos trens de Madri destruídos, ainda com as vítimas no local, nos minutos seguintes às explosões das bombas.

b) Manchetes e imagens que contavam a repercussão do evento: esta classificação foi atribuída às manchetes e imagens que relatavam acontecimentos ocorridos subseqüentemente aos eventos, tanto imediatamente, quanto no transcorrer dos dias. Dessa forma, foram incluídas manchetes que se referiam tanto aos ‘danos materiais’ e ‘prejuízos’ que eram consequência direta dos eventos, como os títulos a respeito de consequências econômicas de médio e longo prazo, ou que relatavam pronunciamentos e ações de líderes mundiais referentes ao seu posicionamento quanto aos eventos e providências tomadas pelas agências governamentais, entre outras. Alguns exemplos de manchetes

relacionadas à repercussão são: “América irá ‘caçar e punir responsáveis’, afirma Bush”, “Lula expressa repúdio do Brasil”, ou “Putin pede a Bush que retalie ação”. São exemplos de imagens assim classificadas aquelas que mostravam o presidente Bush em seus pronunciamentos televisionados, em reunião com o Congresso, ou gráficos que ilustravam o desempenho das bolsas de valores após os eventos, ou fotos de líderes políticos de diferentes países.

Esse grupo foi então subdividido com base nas primeiras categorias mais específicas, para garantir que algumas diferenças importantes não ficassem perdidas devido à reorganização feita¹⁶, em:

(b1) *manchetes que destacam conseqüências mais diretamente, relacionadas aos eventos* e que foram classificadas como repercussão, por exemplo, as manchetes: “América irá ‘caçar e punir os responsáveis’, afirma Bush”, “Aeroportos têm segurança reforçada”, “População tenta voltar à normalidade”.

(b2) *manchetes que destacam análises, ou opiniões sobre estes eventos, ou ainda sobre a probabilidade de ocorrência de repercussões futuras a curto, médio e longo prazo.* São exemplos as manchetes: “Ataque exige destruir o sistema que o produziu”, “Recessão poderá não estar muito longe”, “Europa pode intensificar guerra ao terror”.

c) *Manchetes e imagens sobre outros eventos relacionados:* essa classificação foi dada às manchetes e imagens de matérias que faziam comparações entre os eventos analisados e outros eventos ocorridos anteriormente no mesmo país ou

¹⁶ Havia, inicialmente, 9 classificações para manchetes que faziam referência a algum tipo de repercussão e 7 classificações para manchetes que traziam análises do evento, de sua repercussão, entre outros. Essas classificações foram agrupadas na classificação mais genérica ‘Manchetes e imagens que contavam a repercussão do evento’, porém a divisão inicial revelou diferenças interessantes na maneira como o relato aparecia no título das notícias. A subdivisão da categoria foi a solução encontrada para não perder o dado.

em outro, com propriedades semelhantes. Manchetes que faziam comparações entre o 11 de setembro e o ataque à base americana de Pearl Harbor, ou com outros eventos nomeados de “atentados terroristas” em diversos países, e matérias que faziam comparações entre o evento de ‘11 de março’ e o próprio ‘11 de Setembro’ foram assim classificadas, tais como: “Carro-bomba atingiu torres do WTC em 93”, “Principais atentados terroristas no mundo”, no caso do ‘11 de Setembro’ e “Esse é o 11 de setembro da Europa?”, no caso do ‘11 de Março’.

Imagens que retratavam esses outros eventos, como fotos do evento que ficou conhecido como ‘o atentado de Oklahoma’, ou fotos dos danos materiais provocados por bombas ou quedas de aviões em diferentes momentos e locais, entraram nesta classificação.

d) Outro: matérias que não foram classificadas como a, b, ou c. Algumas das manchetes que entraram nesta categoria foram “Na minha cabeça só uma frase: God bless America” e “Buemba! Ai que saudades do ‘Mad Max’”, no caso do ‘11 de Setembro’, e “Chumbo nas entranhas” e “Bola para a frente”, no caso do ‘11 de Março’. Algumas imagens, no caso ilustrações, também entraram nesta classificação (para exemplo, ver no CD anexo, a edição de 14 de março de 2004 - jornal O Estado de São Paulo, página A21).

2. Palavras-chaves

Foram registradas as palavras das manchetes que referiam os eventos, os executores e os países mencionados nas matérias que traziam relatos sobre a repercussão internacional dos eventos.

Os países mencionados nas manchetes e imagens foram registrados por se supor que revelariam a extensão da repercussão internacional de cada um dos eventos.

O registro das palavras utilizadas para fazer referência aos eventos, a aqueles que seriam responsáveis por eles e à sua repercussão foi realizado com a suposição de que sua análise poderia sugerir especificidades nos noticiários dos eventos e poderia sugerir os efeitos de tais relatos sobre comportamentos do leitor relacionados com seu conhecimento dos eventos analisados.

III. Classificação das notícias segundo as categorias da CNN

As manchetes das notícias foram, ainda, classificadas de acordo com a descrição feita por Martone (2003) que utilizou as categorias criadas pela agência CNN na veiculação de suas notícias sobre o 11 de Setembro em sua página na internet. Na ocasião a CNN classificava as matérias que noticiavam os eventos de 11 de setembro segundo um conjunto de classes que foram utilizadas por Martone (2003) para classificar as notícias por ele analisadas. As notícias foram, então, classificadas como relativas a: (a) vítimas, (b) dia de terror, (c) investigação, (d) reconstrução, e (e) retaliação.

Com o objetivo de comparar o noticiário que seguiu os eventos de 11 de setembro e 11 de março nos dois jornais brasileiros analisados com a cobertura dada pela rede americana analisada por Martone, as matérias selecionadas no presente trabalho foram classificadas segundo essas classes, com base, mais uma vez no texto das manchetes e dos *leads*.

RESULTADOS

1. Do conjunto dos dados coletados

As 12 edições dos jornais que serviram de fonte para os dados do presente trabalho continham 1310 páginas, das quais, 261 foram fotografadas e analisadas.

Na Figura 2 são apresentados, por edição consultada, o número de páginas da edição e o número de páginas em que foram localizadas matérias que tratavam dos eventos direta ou indiretamente (número e percentual).

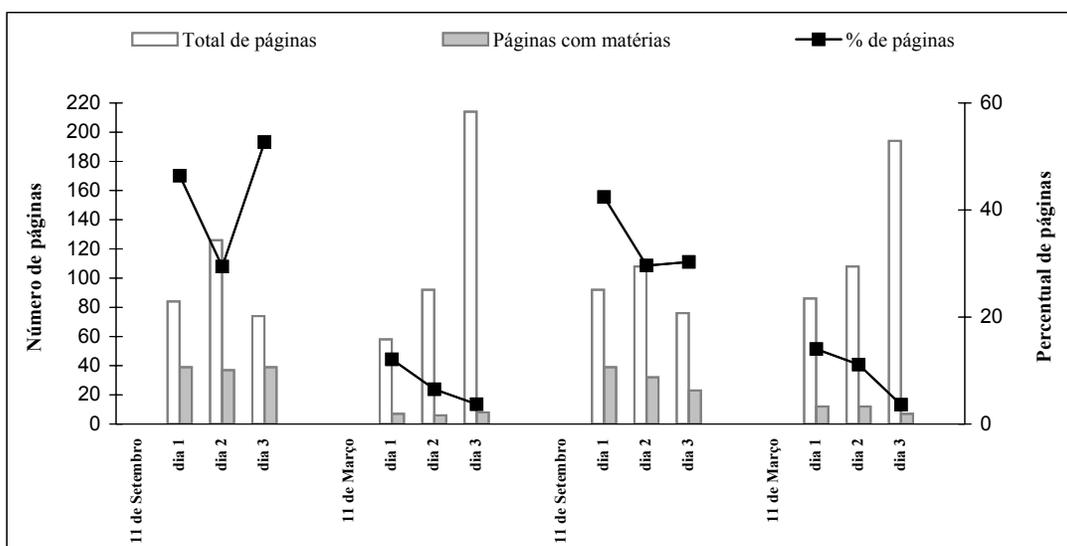


Figura 2. Número total de páginas e de páginas que continham matérias que faziam referência direta ou indireta aos eventos de ‘11 de Setembro de 2001’ e ‘11 de Março de 2004’ (número e percentual), nas edições analisadas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, respectivamente.

Considerando-se o número de páginas com matérias relacionadas aos eventos analisados, os dois jornais destinaram mais espaço ao evento ocorrido em 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos do que dedicaram ao evento ocorrido em 11 de março de 2004 na Espanha. Os percentuais de páginas – em relação ao número total de páginas de cada edição – com referência ao evento dos EUA (11 de setembro), oscilaram entre 29,4% e 52,7% na Folha de São Paulo (FSP) e 29,6% e 42,4% no O

Estado de São Paulo (OESP). Com relação ao relato do evento na Espanha (11 de março), esses percentuais variaram entre 12,1% e 3,7% (1º e 3º dias analisados, respectivamente) na FSP e 14% e 3,6% (idem) no OESP. Nota-se também, em ambos os casos, a tendência de queda no número (e no percentual) de páginas com matérias no decorrer dos dias, para ambos os jornais no evento de 11 de março. No entanto esta mesma tendência não ocorreu no caso de 11 de setembro na FSP.

Foram coletadas 777 matérias, das quais 381 foram publicadas na FSP e 396 foram publicadas no OESP. Na Figura 3 são apresentados os números totais de matérias publicadas em cada edição analisada sobre cada um dos eventos. Os jornais diferiram pouco no destaque que deram aos eventos em relação ao número de matérias publicadas sobre cada um deles, a cada dia, e segundo este critério também foi muito maior o destaque dado ao evento nos EUA do que ao evento na Espanha, sendo que a diferença de destaque foi maior ainda no caso da FSP.

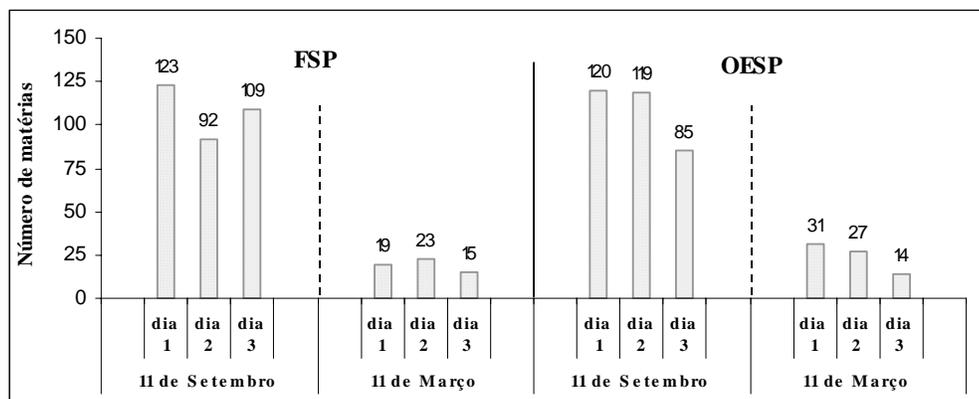


Figura 3. Número de matérias publicadas pelos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo nos três dias subsequentes aos eventos ocorridos em Setembro de 2001, nos EUA, e em Março de 2004, em Madri.

2. Dos tipos de matérias

A Figura 4 mostra – em porcentagem – os resultados referentes aos tipos de matérias encontrados nas edições dos dois jornais analisados, em ambos os eventos, considerando o número total de matérias publicadas ao longo dos três dias.

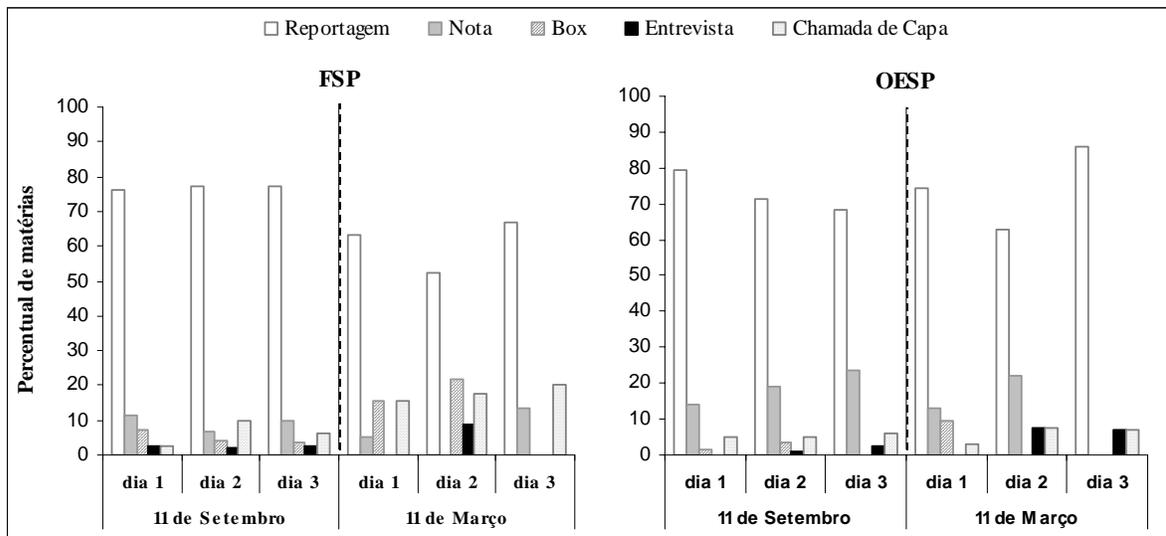


Figura 4. Tipos de matérias encontradas nas edições analisadas da Folha de São Paulo e do O Estado de São Paulo, nos três dias subsequentes aos eventos ocorridos nos EUA e em Madri.

Como esperado, o tipo de matéria predominante nas edições analisadas foi a *reportagem*. No entanto a variação percentual deste tipo de matéria mostra diferenças entre os jornais e uma tendência de aumento de *reportagens* com o passar dos dias – de 52,2% e 76,4% na FSP e entre 63% e 85,7% no OESP, considerando-se todas as edições analisadas sobre os dois eventos. As publicações sobre o 11 de setembro no OESP foram exceção a esta tendência. Apesar de não serem as mais frequentes, os outros tipos de matérias foram relevantes na cobertura dos jornais e a análise desses tipos mostrou diferenças entre os jornais e a sua cobertura de cada evento. Na FSP, as *notas* apareceram como o segundo tipo de matéria mais frequente em relação ao 11 de setembro, variando entre 6,5% e 11,4%, enquanto que os *boxes* e *chamadas de capa* se destacaram no caso do 11 de março (variação de 15,8% a 21,7% e de 15,8% a 20%, respectivamente). Já no caso do OESP, as *notas* tiveram destaque na cobertura do evento dos EUA e no primeiro e segundo dias da cobertura do 11 de março. O percentual de *boxes* e *entrevistas*, quando presentes, foi maior na ocasião do evento de Madri (variando de 7,4% a 7,1%, no 2º e 3º dias).

3. Da autoria/origem das Matérias

Na Figura 5 são representadas – em porcentagem - as matérias de todas as edições analisadas, classificadas segundo sua origem. As matérias classificadas como *autor da casa* foram aquelas matérias produzidas por/com a participação de jornalistas/articulistas vinculados ao jornal. As matérias classificadas como *fonte externa*, foram matérias (1) escritas por/com a participação de jornalistas/articulistas não vinculados diretamente ao jornal, (2) matérias originadas (integral ou parcialmente) de agências de notícias nacionais, ou (3) matérias originadas (idem) de agências de notícias/jornais estrangeiros. Matérias que não possuíam créditos, sendo, portanto, impossível ao leitor identificar sua fonte, ou cujo crédito era muito genérico - por exemplo, contendo apenas a expressão ‘De Washington’ como fonte – foram classificadas como matérias *sem fonte explícita/ outra fonte*¹.

Houve predominância de matérias oriundas de *fontes externas* na Folha de São Paulo, com exceção do terceiro dia de publicação do evento ocorrido em Madri. No O Estado de São Paulo o percentual de matérias *da casa* foi semelhante ou pouco maior do que o de matérias de *fonte externa*, com duas exceções: o segundo e o terceiro dias de publicação do evento ocorrido em Madri, quando as matérias de fonte externa se sobressaíram. Ainda assim, nos dias em que predominaram as matérias produzidas por autores da casa, elas representaram, quando muito, apenas 53,3% das matérias da FSP e 54,1% das matérias do OESP.

¹ Um número muito pequeno de matérias cuja fonte não pôde ser identificada por conta de problemas na nitidez da fotografia da página também entraram nesta classificação.

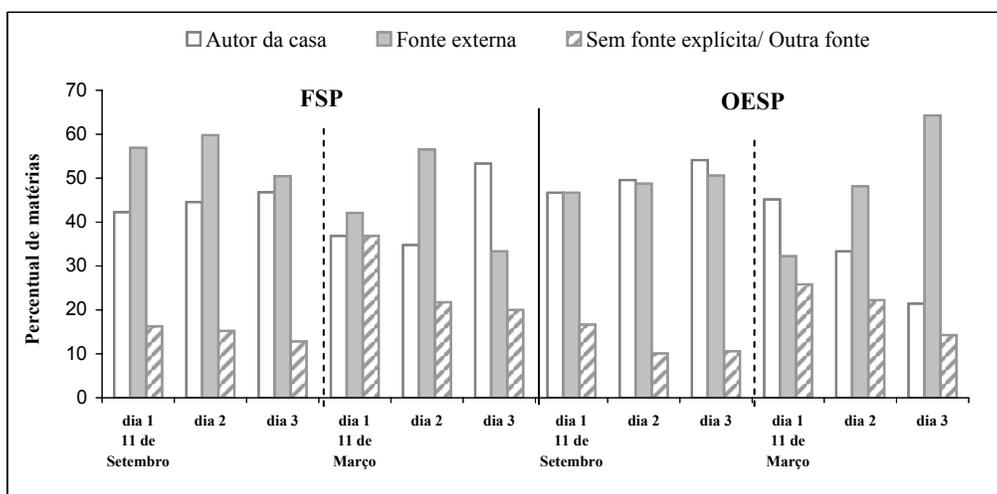


Figura 5. Origem das matérias sobre os eventos analisados, publicadas ao longo dos três dias, nos jornais consultados.

As matérias *sem fonte explícita*, por sua vez, variaram entre 8,7% e 36,8% na FSP, e entre 10,1% e 25,8% no OESP – ocorrendo mais nas publicações sobre o evento de Madri nos dois jornais. A Figura 5 destaca, portanto, a importância de matérias de origem externa na confecção das edições sobre os dois eventos, e mais ainda, a presença de matérias cujas fontes não puderam sequer ser identificada pelo leitor - principalmente no evento ocorrido em Madri.

Na tentativa de facilitar a identificação das fontes externas dos relatos apresentados pelos jornais, cada painel da Figura 6 corresponde a uma fonte (jornal) e a um evento, nos três dias em que foram coletadas informações segundo as três possíveis classificações de origem externa das matérias: (1) matérias escritas por/com *autor externo* - não vinculado diretamente ao jornal, (2) matérias originadas de *agências de notícias nacionais*, e (3) matérias originadas de *agências de notícias/jornais estrangeiros*.

Aqui é importante ressaltar que nos dois jornais houve matérias que receberam mais de uma classificação² quando, por exemplo, eram assinadas por jornalistas da casa, mas também traziam em seus créditos o nome de uma *agência de notícias* (nacional ou estrangeira), ou a expressão ‘com agências internacionais’. A existência de matérias duplamente classificadas mostrou que mesmo textos assinados pelos autores da casa – principalmente na FSP - traziam relatos produzidos por fontes externas, indicando provavelmente, que a opinião dos jornalistas sobre os eventos, naquele momento, era formada, ao menos parcialmente, pelo que diziam as agências de notícias e jornais estrangeiros.

Considerando-se o 11 de Setembro, o percentual de matérias de origem interna tanto na FSP, como no OESP foi semelhante. Houve, no entanto, diferenças entre os dois jornais, entre as matérias que se originaram fora dos jornais: as *notícias de agências nacionais* (no caso, as várias sucursais do jornal e sedes da Agência Folha no país) predominaram na Folha de São Paulo - 34,1% no primeiro dia e 20,2% no terceiro dia - e as *matérias provenientes de agências e jornais estrangeiros* predominaram no O Estado de São Paulo - 26,7% das matérias no 1º dia a 22,4% no 3º dia.

Considerando-se o evento de Madri, as *matérias de autoria do próprio jornal* apareceram com maior frequência na Folha de São Paulo, representando 36,8% das matérias publicadas no primeiro dia, mantendo um valor próximo no segundo, e subindo para 53,3% no terceiro dia, quando se sobressaíram em relação às matérias de outras fontes.

² A aglutinação das classificações produziu alterações no percentual total de matérias para mais de 100% - que aparecem nas Figuras 4 e 5.

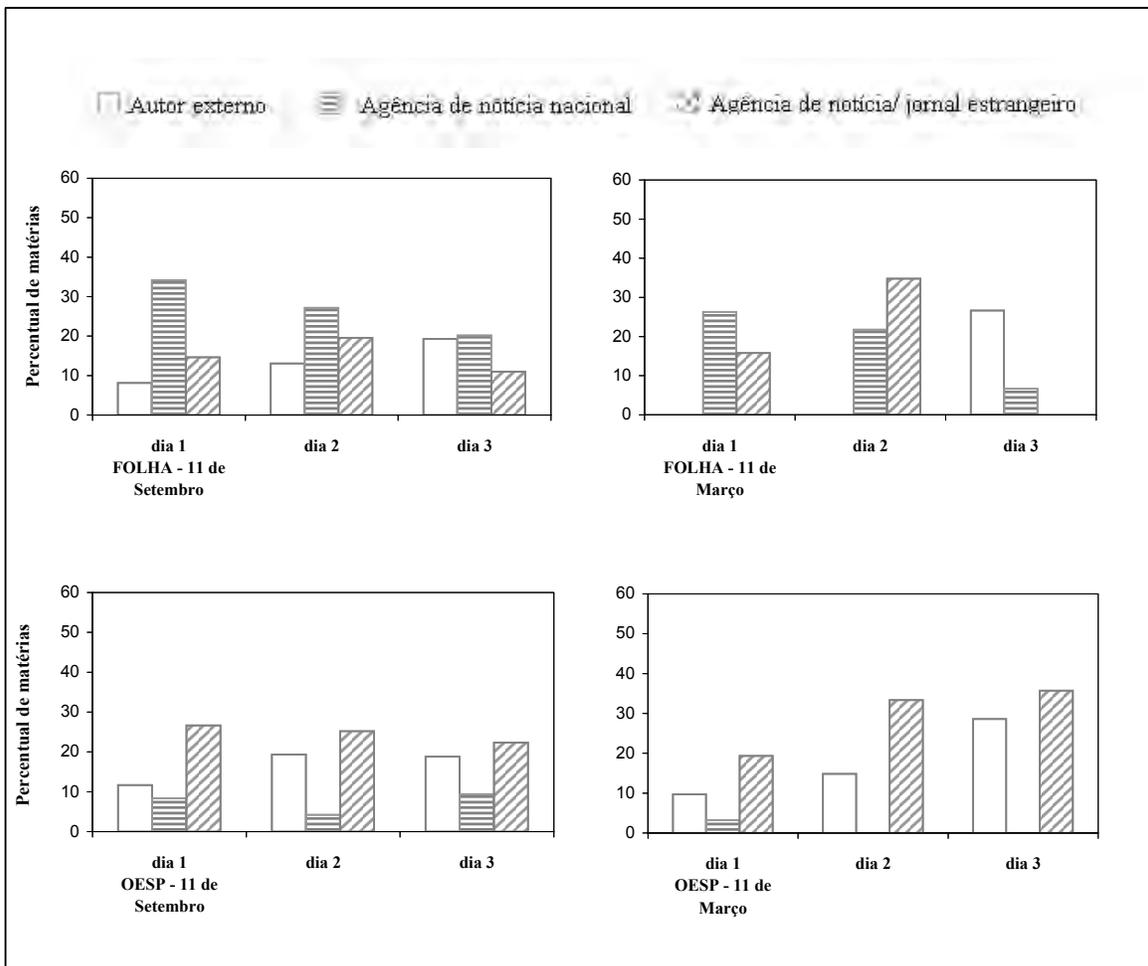


Figura 6. Tipos de origem externa das matérias sobre os eventos ocorridos nos EUA e em Madri, publicadas nos três dias analisados, em cada um dos jornais consultados.

No OESP, o movimento foi o oposto, com as *matérias internas* representando 45,2% das matérias publicadas no primeiro dia, com tendência decrescente, chegando aos 21,4% no terceiro dia de publicação. As *matérias produzidas por jornalistas ou colaboradores externos aos jornais*, por sua vez, apareceram na FSP apenas no terceiro dia de publicação, ao passo que no OESP apareceram nos três dias e com tendência crescente, indo dos 9,7% (1º dia) aos 28,6% (3º dia).

Com relação às *matérias oriundas de agências de notícia*, pode-se afirmar que a FSP tendeu a utilizar mais as *matérias de agências nacionais* - apesar da tendência decrescente (de 25% no primeiro dia, chegando aos 6,7% no terceiro dia). Já no OESP

as *matérias de agências nacionais* apareceram apenas no primeiro dia e em pouca quantidade (apenas 3,2%), enquanto que as *matérias provenientes de agências de notícias e jornais estrangeiros* tiveram maior destaque no conjunto das edições - com tendência crescente, com 19,8% das matérias publicadas no primeiro dia, chegando aos 35,7% na edição do terceiro dia. Na Folha, as *matérias de agências e jornais estrangeiros* apareceram nos dois primeiros dias (15,8% e 34,8%, respectivamente), mas deixaram de circular no terceiro dia, sendo aparentemente, “substituídas” pelas *matérias produzidas por autores externos*.

Ainda com relação ao 11 de Março, as *matérias sem fonte explícita ou de outra fonte*, tiveram tendência decrescente nos dois jornais, mas também representaram uma quantidade significativa das notícias ao longo dos três dias. A FSP começou publicando 36,8% de matérias nessa condição, caindo para 20% no terceiro dia. O OESP publicou 25,8% de matérias sem créditos no primeiro dia, atingindo os 14,3% no último dia analisado.

Levando-se em conta os dois eventos, a maior porcentagem de matérias provenientes de *agências de notícias nacionais* na FSP, que superou o percentual de notícias de outras fontes - com exceção, apenas, do terceiro dia do evento de Madri – ocorreu devido à publicação de matérias feitas, parcial ou integralmente, pelas sucursais do jornal em Brasília, ou no Rio de Janeiro, e nas sedes da Agência Folha em outros municípios do país – que foram consideradas de origem externa. Esta característica do jornal, torna, portanto, o dado da classificação ‘matérias originadas de *agências de notícias nacionais*’ quase enganador, visto que mostra o próprio jornal produzindo relatos que servirão de apoio ao texto dos autores da casa ou serão integralmente publicados, mas que já constituem em si uma “informação de segunda mão”, da qual não fica claro o contexto antecedente.

De outro lado, o alto percentual de *matérias produzidas por agências de notícias e autores estrangeiros* no OESP – principalmente no evento de Madri - poderia ser indício de uma disposição do jornal para buscar as fontes diretas, ou com menos intermediações, de relatos sobre os eventos, levando-se em consideração que as edições analisadas correspondem apenas aos primeiros dias de publicação subsequente à ocorrência de cada evento.

4. Da distribuição das matérias nos cadernos dos jornais

A Folha de São Paulo, na ocasião do 11 de Setembro, alterou a sua diagramação original de duas maneiras: Em primeiro lugar, a edição do dia 12 de setembro, o primeiro dia de publicação logo após o evento trazia na capa um aviso, dizendo que a diagramação original do jornal havia sido alterada em função da publicação de notícias referentes ao 11 de Setembro: neste dia, a maioria das matérias (81,3%) foi publicada, então, no ‘Primeiro Caderno’, que continha 37 páginas. Algumas matérias figuraram ainda nos cadernos ‘Folha Brasil’ e ‘Folha Dinheiro’ (5,7% em ambos), e poucas na ‘Ilustrada’ (3,3%), ‘Esportes’, e ‘Cotidiano’ (0,8% em ambos), como indicado na Figura 7. A segunda mudança na diagramação da Folha envolveu as edições do segundo e terceiro dias analisados, que tiveram um ‘Caderno Especial’, destinado à publicação das matérias referentes ao 11 de Setembro. No ‘Caderno Especial’ foram publicadas 81,5% das matérias que saíram no segundo dia, e 78% das matérias no terceiro dia. Ainda assim, uma pequena porcentagem de matérias saiu nos Cadernos ‘Dinheiro’, ‘Cotidiano’, ‘Esportes’ e na ‘Ilustrada’. Na ocasião do 11 de Março, as matérias publicadas nos três dias foram concentradas no caderno ‘Folha Mundo’ – que faz parte do ‘Primeiro Caderno’ do jornal – (entre 60% e 73,7%), com algumas inserções no

caderno ‘Esporte’ (entre 5,3% e 13,3%). O restante era composto por chamadas de capa (entre 17,4% e 21,1%).

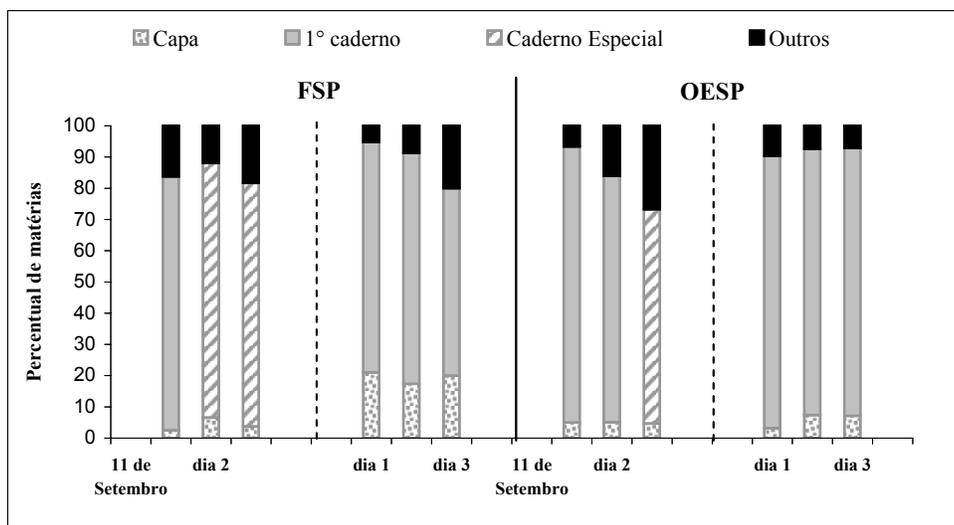


Figura 7. Percentual de matérias publicadas nos cadernos dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, sobre os eventos analisados.

O jornal O Estado de São Paulo manteve a publicação de matérias sobre ambos os eventos, em sua maior parte, no caderno ‘Internacional’ – que também é parte do ‘Primeiro Caderno’ deste jornal - com algumas diferenças entre os eventos: no caso do 11 de Setembro, as notícias publicadas neste caderno principal, foram decrescendo, ao passo que foi aumentando o número de notícias no caderno de ‘Economia’ e no ‘Caderno 2’ – de Cultura; já no caso das notícias relacionadas ao 11 de Março em Madri, o percentual de notícias permaneceu quase o mesmo ao longo dos três dias no caderno ‘Internacional’ (entre 85,2% e 87,1%), sendo que nos dois primeiros dias houve matérias também no caderno de ‘Economia’, com tendência decrescente ao longo dos dias, ao mesmo tempo em que se constatou uma crescente porcentagem de matérias no caderno de ‘Esportes’ ao longo dos três dias.

5. Das Imagens

As 12 edições analisadas continham ao todo 539 imagens relacionadas aos eventos, sendo 296 publicadas pela Folha de São Paulo e 243 publicadas no O Estado de São Paulo.

5.1. Tipos de Imagens:

Os tipos de imagens encontrados foram: fotos, esquemas, ilustrações, mapas, gráficos, fotos simuladas e imagens mistas. Dentre estes tipos, o mais presente em todas as edições analisadas, como esperado, foi a *foto*, oscilando entre 68,3% e 94,1% das imagens publicadas, como pode ser visto na Figura 8.

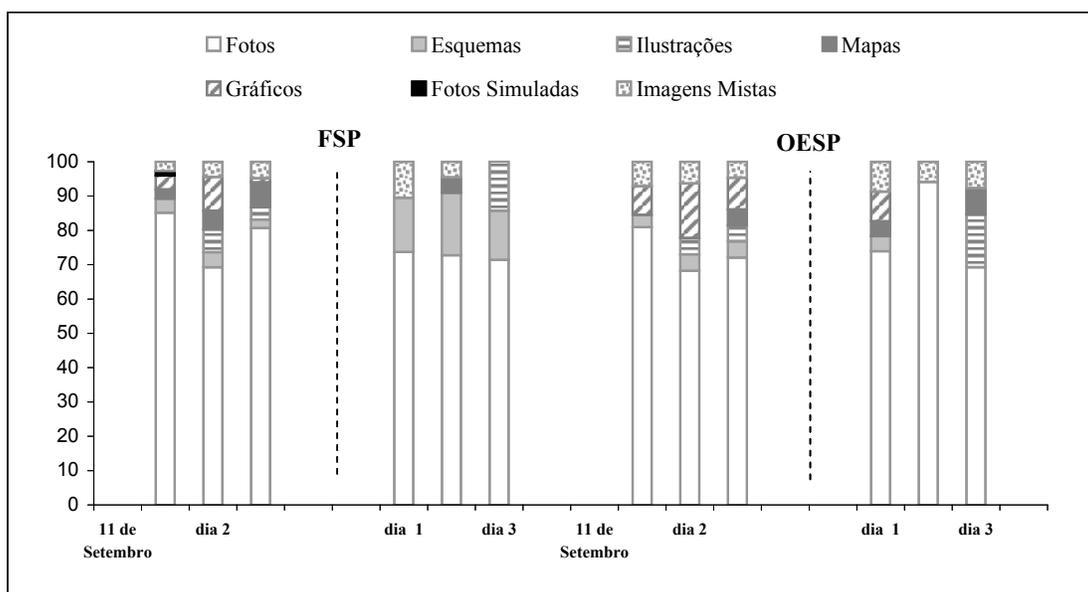


Figura 8. Tipos de imagens presentes nas edições analisadas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, sobre os eventos ocorridos nos EUA e em Madri, respectivamente.

Dentre os outros tipos de imagens, os mais presentes na FSP foram os *esquemas* e *imagens mistas* (com maior percentual no evento de Madri). Em algumas das edições sobre o 11 de Setembro, *mapas* e *gráficos* também apareceram em quantidade comparável à dos *esquemas*, porém foram pouco utilizados no evento de Madri. No OESP predominaram os *gráficos*, também seguidos de *esquemas* (mais no 11 de Setembro) e, também, as *imagens mistas* seguidas por *mapas* (no 11 de Março).

5.2. Autoria/origem das Imagens:

As imagens foram classificadas, segundo sua origem, em: *imagens de 'agências e jornais estrangeiros'*, *imagens de 'agências nacionais'* e *imagens 'sem fonte/ outra fonte'*. Na Figura 9 são apresentados os percentuais de imagens segundo esta classificação na FSP e no OESP, para os dois eventos analisados.

Os quadros da esquerda mostram resultados relativos às imagens publicadas na FSP e os quadros da direita mostram resultados sobre imagens publicadas no OESP. Em todas as edições analisadas, a maior parte das imagens publicadas proveio de *agências e jornais estrangeiros* – variando entre 55,4% e 77,3% na FSP e entre 53,6% e 76,5% no OESP.

A *foto* - tipo de imagem mais presente em todas as edições analisadas – teve como origem predominante, *agências e jornais estrangeiros* - tanto na FSP quanto no OESP; comparando-se os eventos (quadros 1 e 2 da Figura 9), vê-se que em ambos os jornais a cobertura do 11 de Março envolveu um maior percentual de *fotos* desta origem.

Os *esquemas* (quadros 3 e 4) na FSP provinham predominantemente de *agências nacionais* (entre 50% e 75%) na ocasião do 11 de Setembro; enquanto no 11 de Março, esse tipo de imagem foi classificado como *'sem fonte/outra fonte'* na maior parte das vezes (com exceção apenas do segundo dia de publicação, quando 50% dos *esquemas* se originou de *agências e jornais estrangeiros*). Já no OESP entre as outras imagens relacionadas ao 11 de Setembro predominaram os *esquemas* classificados como *'sem fonte/outra fonte'* nos dois primeiros dias (igualmente 66,67%), enquanto no terceiro dia, 100% dos *esquemas* eram oriundos de *agências nacionais*. Na ocasião do 11 de Março, os *esquemas* apareceram apenas no primeiro dia e 100% deles foram classificados como *'sem fonte/outra fonte'*.

Os *mapas*, na FSP, foram classificados predominantemente como '*sem fonte/outra fonte*' nos dois eventos – variando entre 80% e 100% no 11 de Setembro, e aparecendo no segundo dia do 11 de Março, com 100%. No OESP, o 11 de Setembro foi marcado pela publicação de *mapas* procedentes de *agências e jornais estrangeiros* (100% no terceiro dia de publicação). Já no 11 de Março, o OESP publicou 100% dos *mapas* '*sem fonte/outra fonte*' no primeiro dia e 100% de *mapas de agências nacionais* no terceiro (quadros 5 e 6).

As *ilustrações* (quadros 7 e 8) nos dois jornais foram, em sua maioria, classificadas como '*sem fonte/outra fonte*', porém com algumas diferenças entre os eventos. Na FSP – no 11 de Setembro – este tipo de imagem apareceu a partir do segundo dia, com 50% de sua origem classificada como '*sem fonte/outra fonte*', dividindo espaço com *ilustrações* provenientes de *agências de notícias nacionais* (33,3%) e de *agências e jornais estrangeiros* (16,6%). Já no terceiro dia, 100% das *ilustrações* foram classificadas como '*sem fonte/outra fonte*'. Na ocasião do 11 de Março, este tipo de imagem apareceu apenas no terceiro dia de publicação, com 100% da origem classificada como '*sem fonte/outra fonte*'. No OESP, nas publicações sobre o 11 de Setembro, as *ilustrações* cuja origem foi classificada como '*sem fonte/outra fonte*' representavam 66,6% do total - no segundo dia de publicação - e o restante provinha de *agências de notícias nacionais*. No terceiro dia, 50% das *ilustrações* eram '*sem fonte/outra fonte*', e os outros 50% provinham de *agências e jornais estrangeiros*. No 11 de Março 100% das *ilustrações* foram classificadas como '*sem fonte/outra fonte*', e apareceram somente no terceiro dia de publicação - igualmente ao

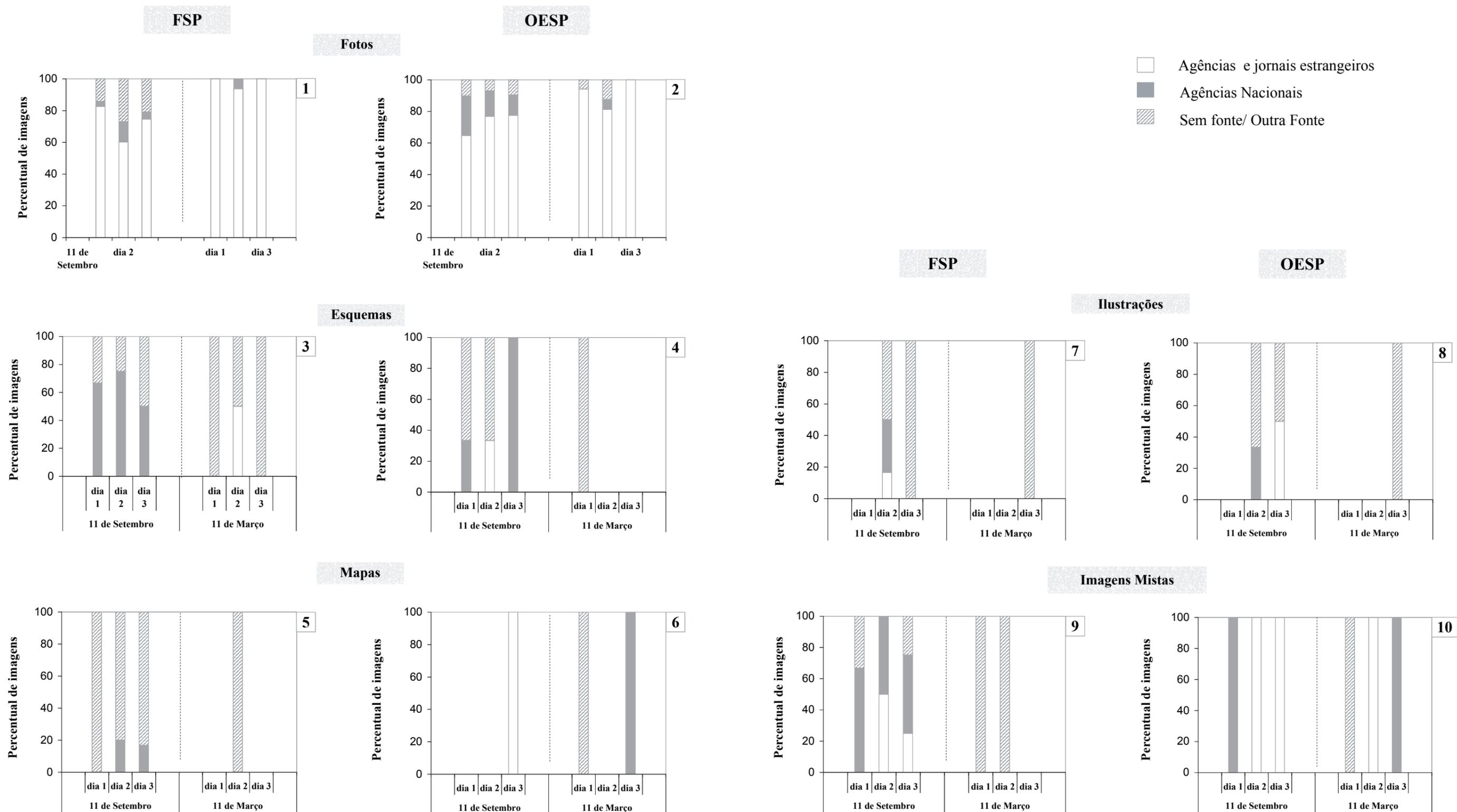


Figura 9. Origem de cada tipo de imagem sobre os eventos de 11 de Setembro (EUA) e 11 de Março (Madri), publicadas nos três dias analisados, em cada um dos jornais consultados. Os quadros da esquerda mostram imagens publicadas na Folha de São Paulo (FSP) e os quadros da direita mostram imagens publicadas no O Estado de São Paulo (OESP).

ocorrido na FSP. A predominância de ilustrações classificadas como '*sem fonte/outra fonte*', deveu-se ao fato deste tipo de imagem ser assinado costumeiramente por um autor (artista, cartunista).

As *imagens mistas* (quadros 9 e 10) na FSP, tiveram origem mais variada na publicação do 11 de Setembro, com predominância das *agências de notícias nacionais* nos três dias. No primeiro dia, as imagens nesta categoria representavam 66,6% do total, dividindo espaço com 33,3% de imagens classificadas como '*sem fonte/outra fonte*'. No segundo dia, 50% deste tipo de imagem eram de *agências de notícias nacionais*, enquanto os outros 50% tinham como fonte *agências e jornais estrangeiros*. E no terceiro dia, o mesmo percentual de imagens de *agências de notícias nacionais* (50%) dividiu espaço com 25% de imagens de *agências e jornais estrangeiros*, e 25% classificadas como '*sem fonte/outra fonte*'. Na ocasião do 11 de Março, 100% das *imagens mistas* foram classificadas como '*sem fonte/outra fonte*' nos dois dias em que apareceram no jornal. No OESP, a variação se deu de maneira distinta, pois em cada dia de publicação 100% das imagens provinham de um único tipo de fonte. No caso do 11 de setembro, as imagens do primeiro dia tinham como fonte *agências de notícias nacionais*. No segundo e terceiro dias, todas as imagens provinham de *agências e jornais estrangeiros*. Nas publicações do 11 de Março: as imagens mistas foram classificadas como '*sem fonte/outra fonte*' no primeiro dia; como *agências e jornais estrangeiros* no segundo dia; e como *agências de notícias nacionais* no terceiro.

6. O relato dos eventos nas primeiras páginas

Na Figura 10 se apresenta uma representação visual semelhante à exemplificada no método (Figura 1) das primeiras páginas dos jornais analisados, respectivamente para o 11 de Setembro e para o 11 de Março, nos três dias analisados. O exame da Figura 10

– destacando-se as manchetes - sugere uma ênfase dos relatos que parece ser semelhante em ambos os jornais, para os dois eventos, em cada um dos três dias: o foco das matérias de capa (tomando-se como parâmetro o título da principal manchete) no primeiro dia, foi *sobre os eventos* - ou aspectos deles; no segundo dia, o foco foi a *repercussão mais imediata* dos eventos - ou a reação nos países em que os eventos ocorreram, e no terceiro dia, a ênfase esteve na *procura ou especulação a respeito dos suspeitos ou responsáveis pelos eventos* – sugerindo um padrão de construção do relato desse tipo de evento nos jornais.

As manchetes do 11 de Setembro no primeiro dia de publicação parecem ter relatado o evento, utilizando para nomeá-lo termos como *ataque* na FSP: ‘EUA sofrem maior ataque da história’; ou *guerra* no OESP: ‘terrorismo declara guerra aos EUA’. No segundo dia as manchetes pareciam principalmente tratar da ‘reação’ dos governantes / governo ao evento, o que pareceu uma consequência do ataque. Na FSP: ‘Bush consegue apoio... para reação...’, e no OESP: ‘EUA responderão...’. E no terceiro dia, as manchetes tendiam a apontar um suspeito pela execução do evento, identificado pelo país atingido. Na FSP: ‘Para EUA, Bin Laden é o suspeito’, e no OESP: ‘EUA fecham cerco a Bin Laden’.

Nas manchetes do 11 de Março, o movimento das manchetes principais das primeiras páginas em ambos os jornais foi o mesmo, com algumas diferenças que merecem destaque: os termos utilizados para definir o evento no primeiro dia foram principalmente *terror* e *massacre* na FSP e no OESP, respectivamente. Estes termos aparentemente dão uma conotação diferente a ao evento de Madri, em relação ao 11 de Setembro. Esta suposição se fortalece com a análise das manchetes do segundo dia que destacaram a ‘reação’ ao evento, neste caso, protagonizada pela sociedade civil: na FSP: ‘8 milhões marcham contra o terror’, e no OESP: ‘Onze milhões de Espanhóis nas ruas

contra o terror'. Talvez os termos *terrorismo* e *massacre* tenham menos a conotação de eventos que geram contra-ataque, e mais a conotação de eventos que produzem um outro tipo de efeito - *submissão*, *depressão* - no país 'atingido'. No caso do 11 de Setembro a reação destacada pelos jornais envolveu violência – pelo menos prometida - e contra-ataque protagonizados pela agência governo ou seu representante. No caso do 11 de Março o destaque da reação foi outro: envolveu a marcha, os pedidos de paz, as reações de pesar.

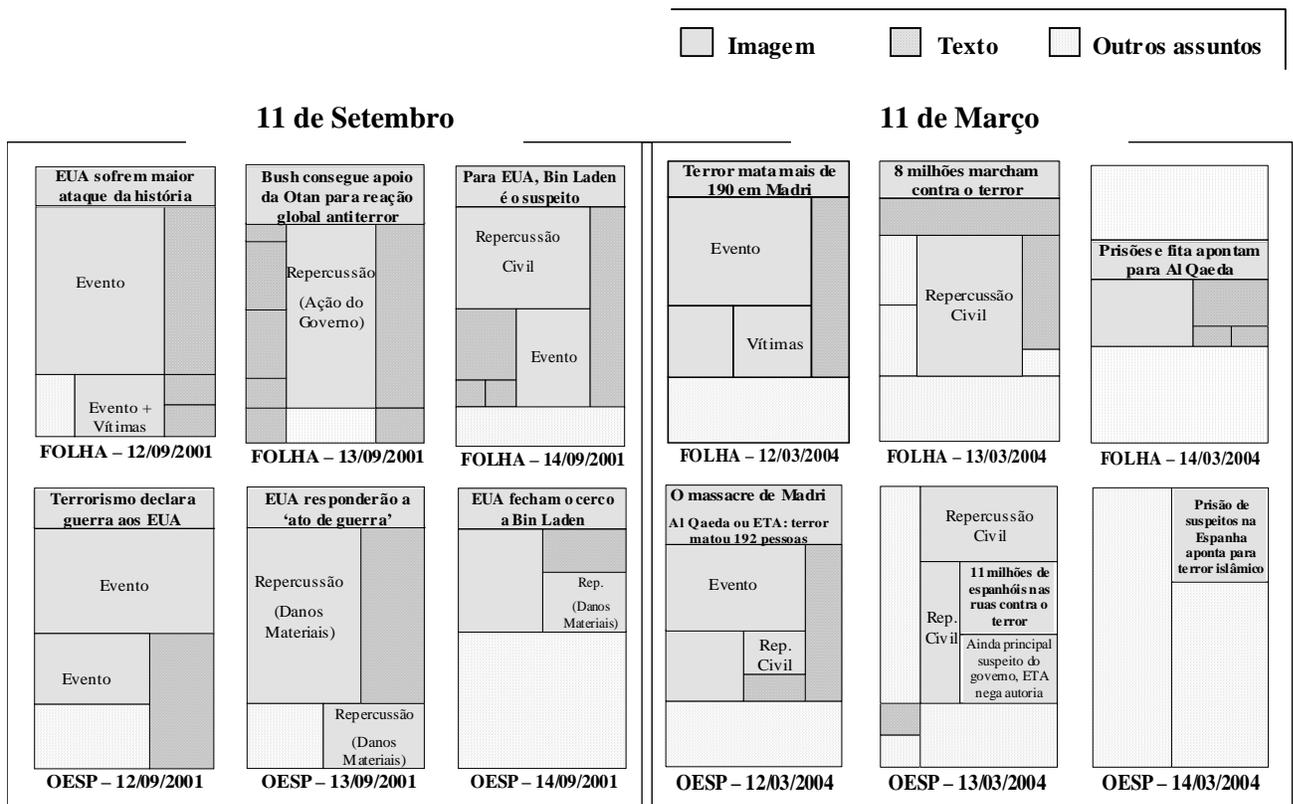


Figura 10. As primeiras páginas das edições analisadas sobre o 11 de Setembro e o 11 de março. Cada quadro representa uma primeira página e cada painel um dos eventos. Na primeira linha dos painéis estão as páginas da FSP e na segunda linha as páginas do OESP. As classificações atribuídas às imagens também estão descritas. As manchetes são reproduzidas na íntegra.

Outra diferença importante nos relatos das primeiras páginas sobre o 11 de Março, foi o aparecimento, já no primeiro dia - especificamente no OESP - de uma especulação quanto ao executor do evento, que esteve presente nas grandes manchetes

ao longo dos três dias neste jornal, o que apareceu também na FSP, mas em menor destaque nos primeiros dias, ganhando ênfase no terceiro dia. De um modo geral, a análise do evento sob o aspecto de quem o executou foi uma das características marcantes das publicações sobre o 11 de Março. Já nas publicações subsequentes ao 11 de Setembro, a ênfase esteve na reação de contra-ataque, ou na resposta do Governo (especificamente voltada para a figura do presidente Bush) aos eventos e ao executor – apontado desde o primeiro dia, sem espaço destinado a um debate a cerca da autoria – como o apresentado na ocasião de Madri.

O exame da Figura 10 também mostra claramente que os jornais diminuíram a cada dia o destaque que dedicaram aos eventos nas primeiras páginas, revelando alterações indicativas de diminuição de sua importância – o que aparece na localização das manchetes e também no tamanho, localização e disposição das fotos. Nesse sentido, o 11 de Setembro sofreu menos alterações significativas do que o 11 de Março, nos três dias subsequentes aos eventos, levando-se em conta os dois jornais. As grandes manchetes do evento dos EUA continuaram a figurar no topo da página, e as fotos tiveram seu tamanho reduzido pouco a pouco a cada edição publicada. Já as manchetes sobre o evento de Madri foram deslocadas do topo da página para um espaço de menos destaque – primeiramente no OESP, e depois na FSP – e as fotos foram reduzidas em tamanho e quantidade em ambos os jornais, porém, mais acentuadamente no OESP. Considerando-se o espaço total ocupado pelos eventos, o 11 de Setembro ocupou de 95% a 87% da capa da FSP e de 87% a 50% da capa do OESP, do primeiro ao terceiro dia de publicação. Já no evento de 11 de Março, FSP e OESP ocuparam 75% da primeira página no primeiro dia, e no terceiro dia, a FSP dedicou 37% do espaço ao evento, enquanto o OESP dedicou apenas 6% de sua primeira página ao evento.

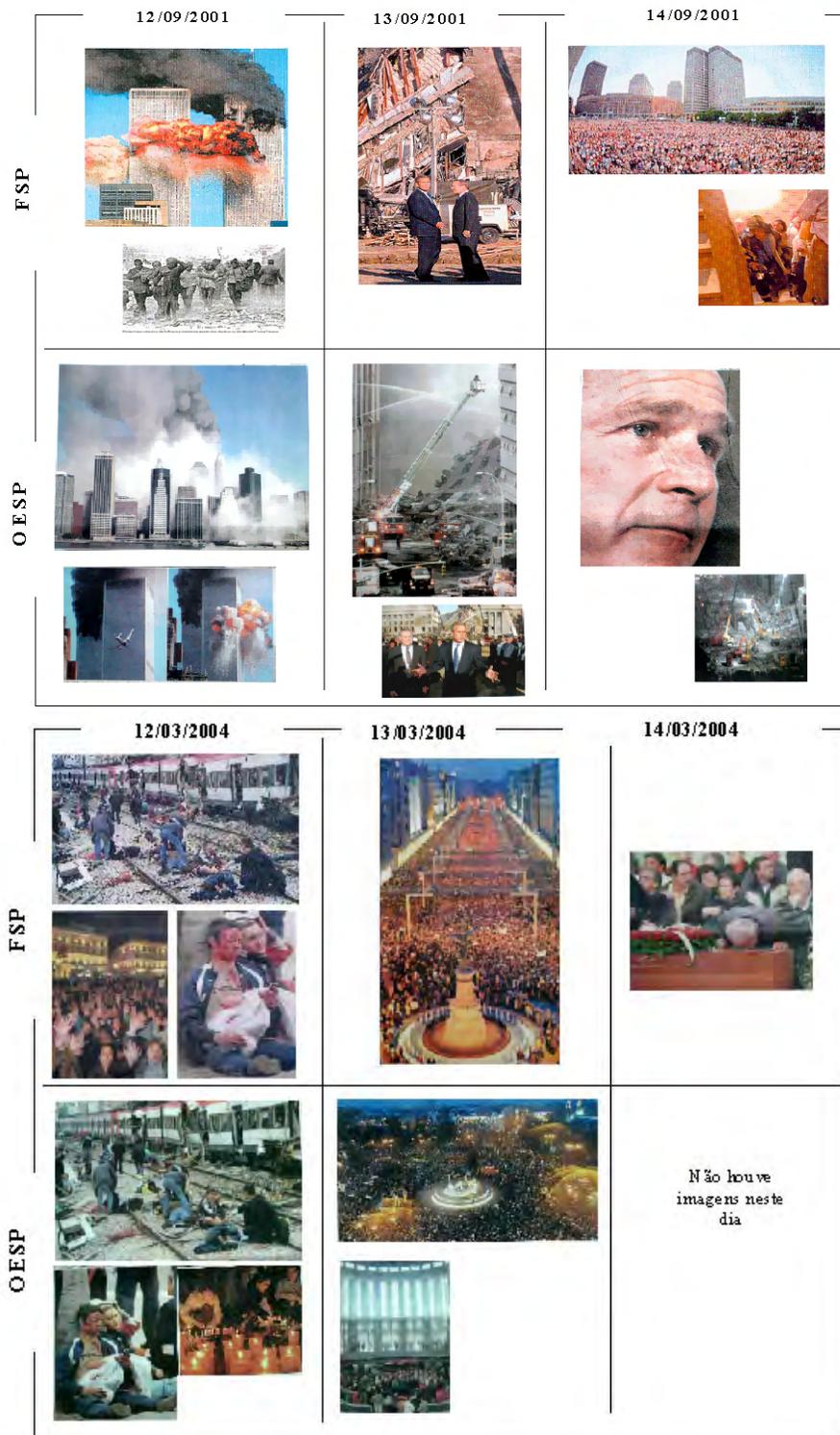


Figura 11. Imagens publicadas nas primeiras páginas dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo nas edições analisadas sobre o 11 de Setembro (quadro superior) e sobre o 11 de Março (quadro inferior).

As imagens publicadas – que aparecem com detalhe na Figura 11 - também mostraram mudanças que acompanharam de forma semelhante para os dois jornais os diferentes relatos presentes nas manchetes ao longo dos dias, porém com algumas diferenças entre os eventos. No noticiário de ambos os eventos, o primeiro dia foi marcado por fotos do momento ou momentos imediatamente posteriores à ocorrência do evento, mostrando também algumas vítimas.

No segundo dia, a repercussão imediata que apareceu nas fotos foi semelhante para cada evento nos dois jornais, porém diferente entre os eventos – com fotos que mostravam, no 11 de Setembro, os escombros de locais atingidos e o presidente dos EUA junto com o secretário de defesa do país, e no caso da Espanha, a manifestação de milhares de civis nas ruas do país.

No terceiro dia, apareceram diferenças entre os jornais: no evento dos EUA, a FSP mostrou uma cerimônia religiosa como manifestação civil, e outra foto do momento de ocorrência do evento, já o OESP, mostrou o presidente americano em uma foto e os destroços de um dos locais atingidos pelo evento na outra; no evento de Madri, a FSP mostrou outro aspecto da repercussão civil - o enterro de uma vítima, e o OESP não publicou imagens na primeira página neste dia.

7. Do conteúdo das manchetes e imagens no interior dos jornais

Figura 12 apresenta – em porcentagem – a distribuição das manchetes e imagens dos dois jornais com relação ao 11 de Setembro, e 11 de Março, agrupadas segundo seu conteúdo em: (1) manchetes / imagens relacionadas ao evento e vítimas, (2) manchetes / imagens relacionadas à repercussão, (3) manchetes / imagens que mencionavam outros eventos relacionando-os aos eventos em questão e, (4) outras manchetes / imagens.

Sobre o 11 de Setembro:

Embora a maior manchete e a principal foto de primeira página da FSP, no primeiro dia sobre o 11 de Setembro possam ser classificadas como *relacionadas ao evento* (ver Figura 9), nesta mesma edição as notícias com manchetes classificadas como *relacionadas à repercussão* ocuparam 83,7% do total de matérias, enquanto que apenas 7,3% das matérias foram classificadas como tendo títulos *sobre o evento e vítimas*. O mesmo ocorreu com o OESP: a principal manchete e as fotos de primeira página podem ser classificadas como descrição do evento, mas as manchetes desta edição cujos títulos enfocavam a *repercussão* ocuparam 89,2% do total e as manchetes sobre *evento e vítimas* apenas 5,8%.

O segundo dia de publicação sobre o 11 de Setembro, não foi muito diferente do primeiro, em ambos os jornais. Na FSP, o número de manchetes que destacaram a *repercussão* aumentou para 89,1% e as manchetes sobre *evento e vítimas* aumentaram, para 7,6%. No OESP, as matérias com manchetes sobre *repercussão* aumentaram para 91,6%, e as manchetes sobre o *evento e vítimas*, e sobre *eventos relacionados* passaram – ambas as classificações - a ocupar apenas 4,2% do total.

No 3º dia analisado não parece ter havido diferenças significativas na cobertura do evento, uma vez que se repetiu em ambos os jornais o vasto predomínio de manchetes sobre *repercussão*.

Já as imagens, quando considerada a sua classificação por conteúdo, variaram ao longo das edições analisadas em relação às manchetes nos dois jornais como indicado na Figura 12, nos quadros (superior e inferior), do lado direito.

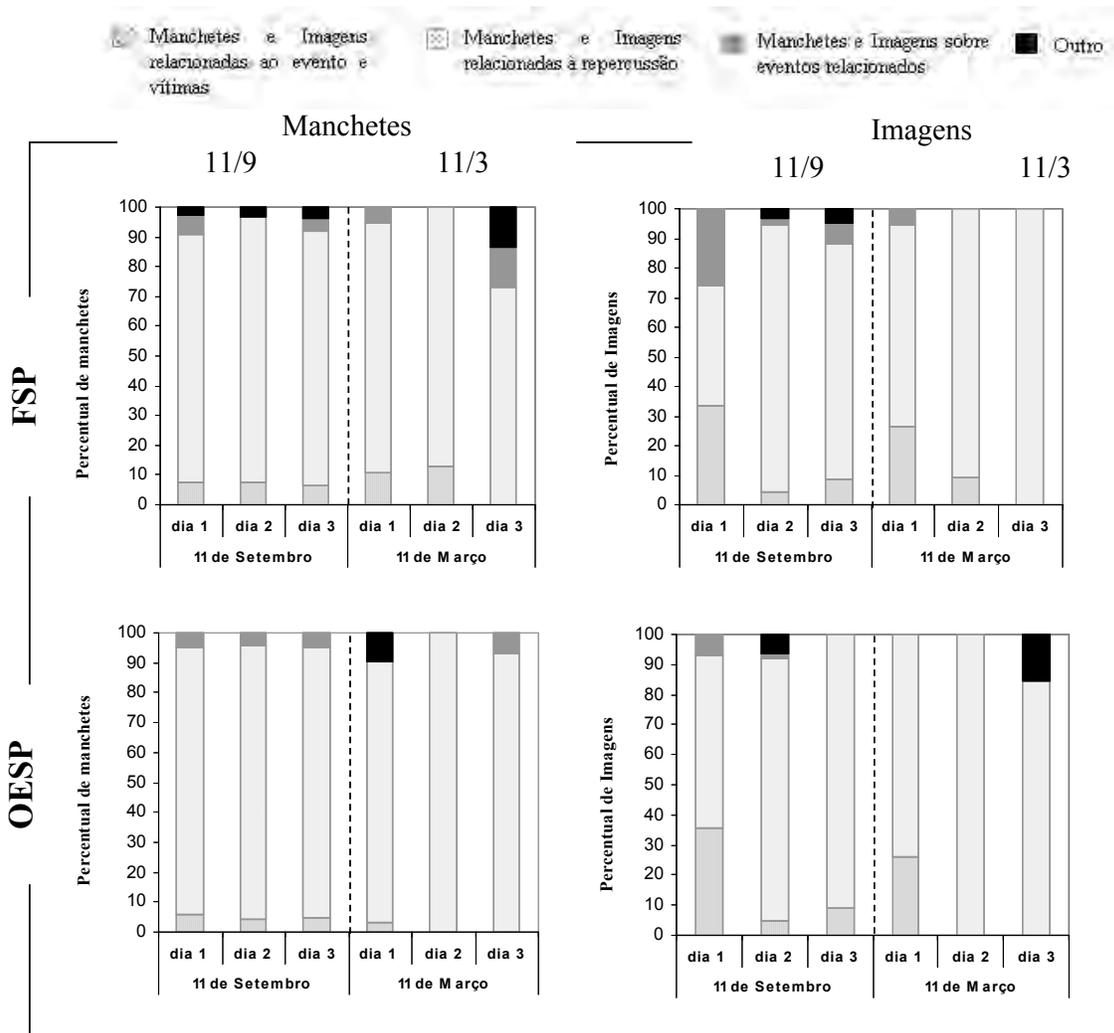


Figura 12. Classificação das manchetes e imagens publicadas nos jornais analisados, sobre o 11 de Setembro e o 11 de Março, de acordo com o seu conteúdo.

Com relação ao 11 de Setembro no primeiro dia de publicação, 40,54% das imagens da FSP foram classificadas como *repercussão*, enquanto que 33,78% das imagens nesta edição foram classificadas como sobre o *evento e vítimas*, e 25,68% de imagens sobre *outros eventos relacionados*. No primeiro dia do OESP, as imagens classificadas como *evento e vítimas* representavam 35,71% do total - um percentual superior ao das manchetes assim classificadas na edição (apenas 5,8%). Ainda assim, mais da metade das imagens foram classificadas como sobre *repercussão* (57,14%). Imagens sobre *outros eventos relacionados* somaram apenas 7,14% do total.

No segundo dia analisado houve, nos dois jornais, aumento das imagens relacionadas à *repercussão*: na FSP elas passaram a representar 90,11% do total, e no OESP subiram para 87,3%. Já as imagens sobre *evento e vítimas* sofreram uma grande redução: na FSP elas caíram para 4,4%, e no OESP chegaram aos 4,8% do total de imagens. O aumento de imagens sobre a *repercussão* do evento, somado à redução nas imagens sobre o *evento e vítimas* neste dia, acabou tornando a distribuição das imagens semelhante à distribuição dos textos em ambos os jornais.

O terceiro dia de publicação conservou, em ambos os jornais, a predominância de imagens sobre *repercussão*, apesar do leve aumento no percentual de imagens sobre o *evento e vítimas*. Na FSP, as imagens sobre *repercussão* caíram para 79,52% do total, enquanto as imagens sobre *evento e vítimas* aumentaram para 8,4%. A FSP publicou também - diferentemente do OESP - 7,2% de imagens sobre *outros eventos relacionados* e 4,8% de *outras imagens* - não relacionadas ao evento. As imagens publicadas no OESP, por sua vez, dividiram-se apenas entre os 90,7% de imagens sobre *repercussão*, e os 9,3% de imagens sobre o *evento e vítimas*.

11 de Março:

Como pode ser visto na Figura 12, as manchetes na ocasião do 11 de Março tiveram, nos dois jornais, uma configuração semelhante a das manchetes do 11 de Setembro com relação à preponderância de manchetes relacionadas à *repercussão* - que oscilaram entre 73,3% e 87% na FSP, e entre 87% e 100% no OESP. Houve, no entanto, diferenças na cobertura dos jornais que se destacaram nos percentuais de manchetes sobre o *evento e vítimas* e sobre *eventos relacionados*. Na FSP, as manchetes que enfocavam o próprio *evento e vítimas* foram 10,5% do total no primeiro dia, 13%

no 2º dia, e não apareceram na terceira edição – dando espaço às manchetes sobre *eventos relacionados* (13%), ou manchetes classificadas como *outros* (idem).

Já no OESP, diferentemente da FSP, só houve manchetes sobre o *evento e vítimas* no primeiro dia de publicação, e elas representaram apenas 3,2% do total. No 2º dia, 100% das matérias foram classificadas como de *repercussão*, caindo para 92,9% no terceiro dia, quando apareceram 7,1% de notícias cujo título tratava de *outros_eventos relacionados* ao 11 de Março – dentre eles, o 11 de Setembro.

As imagens publicadas na ocasião do 11 de Março (ver Figura 11) também variaram de maneira parecida nos dois jornais com relação ao predomínio de imagens sobre *repercussão* em todas as edições analisadas. Na FSP, as imagens que retratavam a *repercussão* eram 68,4% no primeiro dia - com tendência crescente – chegando aos 91% do total no segundo dia e aos 100% na terceira edição. As imagens sobre o *evento e vítimas* variaram entre 26,3% e 9% no primeiro e segundo dias. E por fim, imagens sobre *outros eventos relacionados* também apareceram no primeiro dia de publicação com 5,2%. No OESP, as imagens do *evento e vítimas* apareceram apenas no primeiro dia e eram 26,09% do total, sendo substituídas, nos outros dias, por imagens sobre *repercussão*. Estas últimas, que já somavam 73,91% do total no primeiro dia, passaram a 100% no segundo, e caíram para 84,6% no terceiro dia, quando dividiram espaço com ilustrações - que foram classificadas como ‘outro’ (15,4%).

Uma comparação entre imagens e textos em ambos os jornais:

Considerando-se todas as imagens houve ainda semelhança entre os dois jornais, em ambos os eventos. O percentual de imagens sobre o *evento e vítimas* foi sempre mais alto no primeiro dia de publicação, tanto na FSP como no OESP - no 11 de Setembro, como no 11 de Março – em relação (a) ao percentual de imagens dos dias posteriores, e

(b) ao percentual de manchetes que foram classificadas como *evento e vítimas*. Quando os textos já apresentavam alto percentual de relatos sobre *repercussão* nas primeiras edições publicadas, as imagens dessas edições retratavam mais diretamente o momento de ocorrência (11 de Setembro) ou os minutos imediatamente posteriores (11 de Março) aos eventos. Do segundo para o terceiro dia, as imagens passaram a acompanhar o texto, retratando a repercussão dos eventos em seus muitos aspectos, como por exemplo: fotos dos danos materiais, da ação das equipes de resgate na busca de sobreviventes, de líderes políticos mundiais, além de gráficos e esquemas sobre a repercussão econômica, ou contendo pequenos conjuntos de relatos especulativos sobre os suspeitos pela autoria dos eventos.

8. Manchetes sobre a repercussão dos eventos

As manchetes anteriormente classificadas como relacionadas à *repercussão* foram analisadas e re-classificadas, com base na maneira como a repercussão era relatada. Títulos que apenas relatavam acontecimentos posteriores aos eventos, e cuja forma era semelhante à de um tato³, continuaram a ser classificados como *relatos sobre a repercussão dos eventos*. Um exemplo de manchete classificada desta maneira: “Presidente é protegido em base militar”. Títulos que mencionavam a probabilidade de ocorrência de acontecimentos futuros, ou que relatavam ‘fatos’ posteriores aos eventos, mas continham expressões que poderiam ser consideradas autoclíticos – que qualificavam a frase podendo alterar a função do relato, por exemplo - foram re-classificados como manchetes que *traçavam análises, avaliações, previsões sobre a*

³ Skinner (1957) definiu o tato "como um operante verbal, no qual uma resposta de certa forma é evocada (ou pelo menos fortalecida) por um objeto particular, ou um acontecimento, ou propriedade de objeto ou acontecimento" (p. 108).

repercussão dos eventos em setores específicos. Uma manchete assim classificada foi “Os EUA vão à forra, com o mundo ou sem ele”.

Alguns títulos apresentavam ambas as características: relatavam acontecimentos subsequentes aos eventos e traziam também previsões, análises, ou expressões que qualificavam a frase, podendo receber as duas classificações, mas não apenas uma delas. Esses títulos foram classificados como *manchetes que traziam relatos mistos*. Alguns exemplos podem ilustrar essa classe de relatos: o título “Guerra contra o terror é mundial', diz Sharon”, apresenta uma análise sobre a repercussão que foi, de fato, feita pelo premiê de Israel Ariel Sharon, como repercussão ao 11 de Setembro; uma outra manchete, “Temor de recessão global faz Ibovespa cair”, apresenta uma análise da repercussão internacional e econômica, e também um relato sobre essa repercussão – de fato a bolsa de São Paulo caiu, mas atribuir a queda ao ‘temor de recessão global’ é uma especulação, daí o caráter misto do relato.

Os resultados dessa classificação são apresentados, em porcentagem na Figura 13. O exame desta Figura permite observar que na FSP, houve diferenças entre os dois eventos com relação aos tipos de relatos presentes nas manchetes que contavam a repercussão. Na ocasião do 11 de Setembro, os títulos que traziam *relatos sobre a repercussão* tiveram tendência crescente ao longo dos três dias analisados – com 58,2% no primeiro dia, chegando aos 74,1% no terceiro dia de publicação. Ao passo que os títulos que traziam *análises da repercussão* foram perdendo espaço ao longo dos três dias, decrescendo dos 37,8% no primeiro dia, para 23,6% no terceiro dia.

Nos dois primeiros dias, os títulos que traziam *análises da repercussão* apresentavam (a) análises de como a mídia televisiva repercutiu o evento, (b) previsões sobre o futuro da economia mundial, (c) avaliações sobre a eficácia do sistema de defesa americano, ou ainda (d) debatiam as razões da queda dos edifícios do WTC – e

foram, dando espaço, por exemplo, a manchetes que relatavam (a) mudanças no mercado financeiro, (b) decisões dos governos estrangeiros em relação ao apoio político aos EUA, (c) decisões do próprio governo americano em relação ao evento e aos possíveis executores, (d) investigações e medidas de segurança implementadas pelo FBI, entre outras (mais freqüentes no segundo e terceiro dias de publicação). Os títulos que traziam *relatos mistos* apareceram muito pouco em relação ao total em cada edição, com 3,8% no primeiro dia, chegando aos 2,1% no terceiro dia.

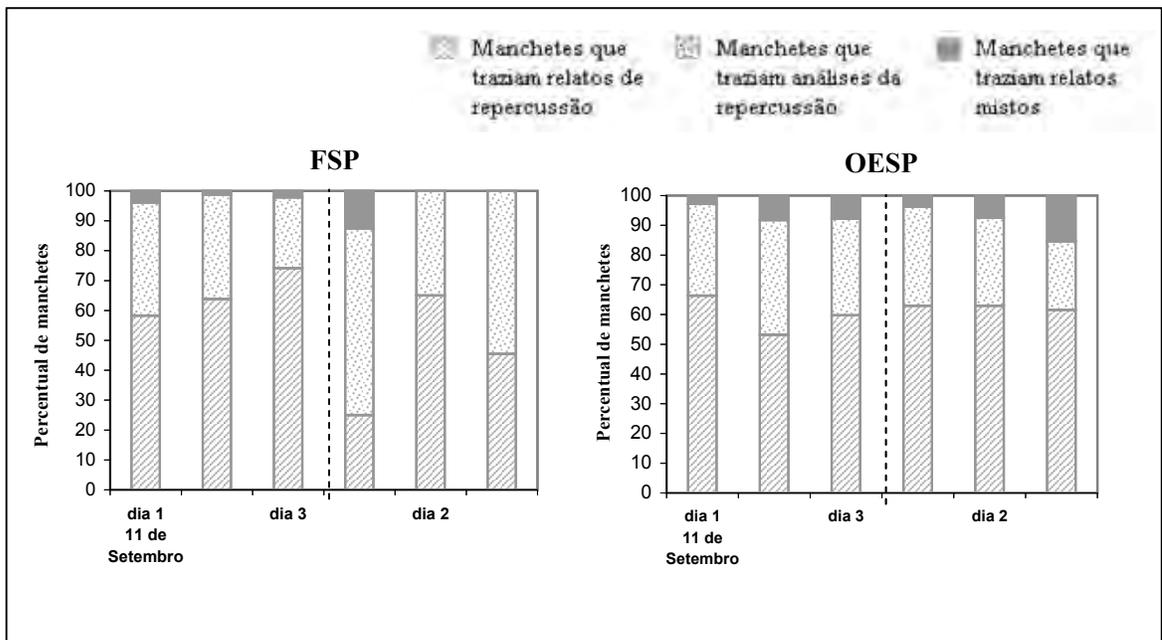


Figura 13. Classificação das manchetes e imagens relacionadas à repercussão dos eventos de 11 de Setembro e 11 de Março nos jornais analisados.

Ainda na FSP, nas edições sobre o 11 de Março houve uma oscilação nos tipos de relatos ao longo dos dias. No primeiro dia analisado, o percentual de relatos que traziam *análises da repercussão* (62,5%) foi muito superior ao percentual de *relatos sobre repercussão* (25%). Os *relatos mistos* apareceram apenas nesse dia e representavam 12,5% dos títulos da edição. No segundo dia, os *relatos sobre repercussão* subiram para 65%, enquanto os títulos com *análises da repercussão* caíram para 35% do total. Já na terceira edição analisada, a proporção entre os tipos de relatos se inverteu novamente: os *relatos sobre repercussão* caíram para 45,5% e as manchetes

com *análises da repercussão* voltaram a prevalecer com 54,5% do total. Esse aumento nas manchetes que traziam *análises da repercussão* no terceiro dia deve-se à maior publicação de matérias que especulavam sobre a autoria do evento, característica marcante nas publicações do 11 de Março.

O OESP relatou a repercussão de ambos os eventos de maneira mais homogênea do que a FSP. Nas edições sobre o 11 de Setembro o percentual de *relatos sobre a repercussão* oscilou pouco, com 66,3% no primeiro dia, 53,2% no segundo, subindo para 59,7% no terceiro dia. Já os títulos que traçavam *análises da repercussão* eram 30,8% no primeiro dia de publicação, oscilando para 38,5% no segundo dia, e caindo para 32,4% no terceiro dia. O OESP publicou, portanto, mais títulos que traçavam *análises da repercussão* no segundo dia e o percentual nesse dia foi superior ao percentual de manchetes assim classificadas na FSP no primeiro dia (quando a publicação de manchetes dessa classe foi maior naquele jornal). As manchetes com *análises da repercussão* no terceiro dia do OESP também superaram o percentual publicado na FSP no mesmo dia. As manchetes que traziam *relatos mistos*, por sua vez, apareceram em menor percentual em relação às outras classificações (entre 2,8% e 8,2%) no próprio OESP, porém em maior percentual quando comparadas com as edições do 11 de Setembro na FSP.

A distribuição das manchetes sobre o 11 de Março no OESP também foi diferente em relação à da FSP. As manchetes que traziam *relatos da repercussão* mantiveram o mesmo percentual no primeiro e segundo dias (62,9%), variando apenas 1% para baixo no terceiro dia. As manchetes que traziam *análises da repercussão*, por sua vez, apresentaram uma tendência decrescente, começando com 33,3% no primeiro dia, caindo para 29,6% no segundo, e para 23% no terceiro dia. Essas manchetes foram perdendo espaço, ao longo dos dias, para manchetes que traziam *relatos mistos* – que

por seu turno, aumentaram de 3,7% (primeiro dia), para 7,4% (segundo dia), chegando aos 15,3% no terceiro dia. Essa variação se deu, provavelmente, porque a especulação inicial sobre a autoria do evento, característica das matérias que traziam *análises da repercussão*, foi ganhando elementos a cada dia em função do decorrer das ações de investigação, cujo relato foi incorporado às notícias especulativas, compondo assim um relato misto, o que pode, inclusive, ter conferido uma aparente ‘validade’ a algumas das análises apresentadas no início.

FSP e OESP foram semelhantes quanto ao conteúdo dos *relatos e análises da repercussão* para os dois eventos. Na ocasião do 11 de Setembro os títulos dos dois jornais⁴ tiveram como foco a área econômica, e as ações do governo americano, bem como dos governantes de outros países, além de comparações do evento com outros eventos ocorridos anteriormente nos EUA e no mundo, como por exemplo, o ataque à base americana de Pearl Harbor, ou outros eventos denominados de ‘ataques terroristas’ a órgãos públicos e regiões civis.

No caso do 11 de Março, FSP e OESP além de publicar matérias com relatos e análises da repercussão econômica e internacional, e comparações do evento com o próprio 11 de Setembro, dedicaram um grande espaço, em percentual de manchetes, à repercussão protagonizada pela sociedade civil espanhola, às eleições para o governo espanhol - que ocorreram três dias após o evento, e às especulações e dúvidas com respeito à autoria do evento – que também apareciam relacionadas às análises sobre a conjuntura política espanhola.

9. A extensão dada ao 11 de Setembro nas manchetes

⁴ Os títulos de todas as notícias publicadas sobre os dois eventos em cada edição dos jornais analisados encontram-se nas planilhas do Anexo 2, em CD.

Durante a inspeção visual das páginas dos jornais, uma certa tendência no relato das manchetes sobre o 11 de Setembro foi se tornando explícita: a alta frequência de menções à ‘porção’ do evento ocorrida em Nova York (NY). Muitas manchetes se referiam às torres do *World Trade Center* (WTC), ou a vítimas que morreram ou escaparam do desabamento das torres, ou apresentavam números referentes às empresas que tinham escritório no complexo do WTC, entre outros. Quando contabilizou-se o número de notícias que mencionavam o evento como um todo, ou suas ‘porções’ ocorridas em lugares distintos, os percentuais encontrados confirmaram a impressão produzida pela leitura dos jornais, como indicado na Figura 14.

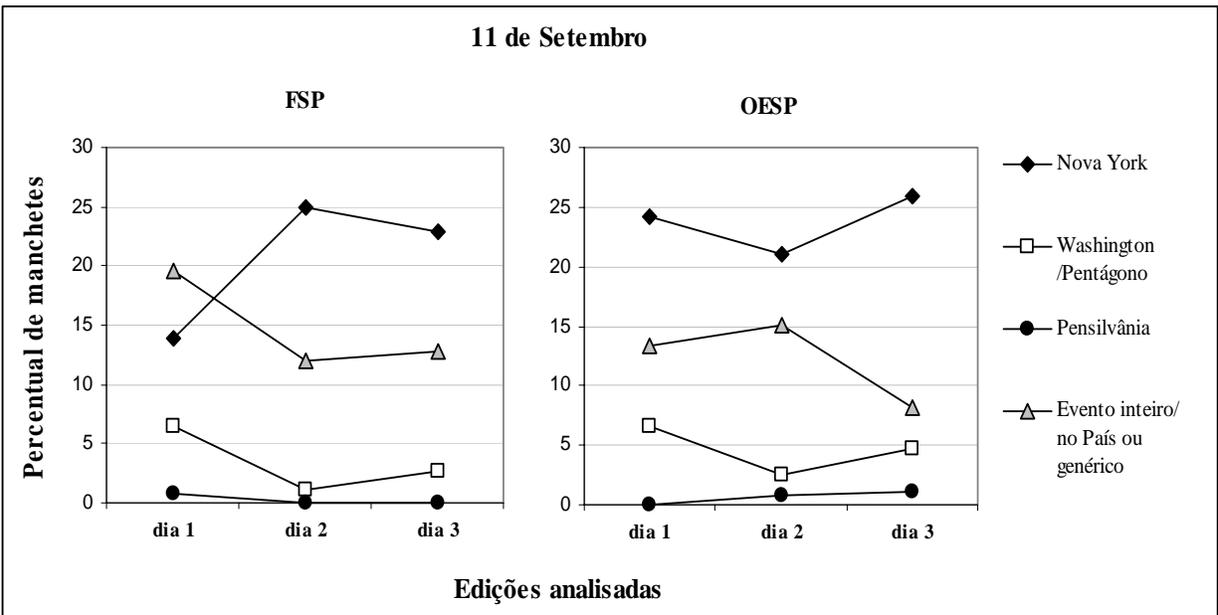


Figura 14. Manchetes publicadas na FSP e no OESP, que mencionam o evento de 11 de Setembro como um todo, ou apenas aspectos do evento ocorridos em um dos locais: Nova York, Washington / Pentágono, ou na Pensilvânia.

Houve algumas diferenças na maneira como os jornais contaram o evento, mas de um modo geral tanto a FSP, como o OESP, foram semelhantes na ênfase dada à ‘porção’ ocorrida em NY em detrimento dos eventos, Washington (avião arremessado contra o prédio do Pentágono) e na Pensilvânia (queda de avião).

A FSP, no primeiro dia, deu destaque em seus títulos ao evento como um todo, ou fez referências ao evento sem mencionar diretamente um ou outro local de ocorrência. Já as manchetes que mencionavam a ‘porção’ do evento ocorrida em Nova York predominaram a partir do segundo dia de publicação, com 25% do total de manchetes, caindo um pouco para 22,9% no terceiro dia. Nos três dias de publicações do OESP, menções a NY superaram os relatos sobre os outros locais de ocorrência do evento. As manchetes que citavam apenas o ocorrido em NY representavam 24,1% do total de títulos na primeira edição, caindo para 21% no segundo dia, e subindo para os 25,8% no terceiro dia.

As menções a Washington ou ao Pentágono oscilaram entre 1,08% e 6,5% na FSP e entre 2,5% e 6,6% no OESP, ocupando um espaço muito menor no jornal em relação a Nova York, ou mesmo em relação aos relatos mais genéricos do evento – que não citavam um local específico de ocorrência. E títulos que relatavam o ocorrido na Pensilvânia foram ainda mais escassos – não apareceram, ou quando presentes chegaram apenas aos ínfimos 0,83% - no primeiro dia da FSP, e 1,17% do total de matérias no terceiro dia do OESP.

Dessa maneira, um evento amplo, com porções ocorridas em três lugares diferentes dos EUA, tornou-se, no relato dos jornais, um evento ocorrido em Nova York – o que resultou, provavelmente, em implicações (diretas ou indiretas) nos relatos emitidos posteriormente pelos leitores, ou seja, no conhecimento construído sobre o evento – especialmente porque estes relatos tiveram como estimulação antecedente - aquilo que foi destacado no texto dos jornais.

10. O destaque ao Brasil na repercussão internacional dos eventos

Enfocando a extensão que os eventos ganharam, em termos dos países mencionados na cobertura da imprensa, ou seja, o quão amplos se tornaram além das fronteiras dos países onde ocorreram, a Figura 15 apresenta – em percentuais – as manchetes que mencionavam outros países e órgãos internacionais, destacando neste montante, o percentual de títulos que faziam referência ao Brasil. As referências ao Brasil nas matérias sobre o 11 de Setembro – sempre acima dos 60% - superaram as menções a outros países e órgãos estrangeiros tanto na FSP como no OESP. Muitas manchetes relatavam repercussões do evento no Brasil, tanto com relação às ações e declarações do Governo, como aos efeitos do evento no setor econômico, o fechamento e re-abertura de órgãos diplomáticos estrangeiros, ou ainda tratavam da preocupação das famílias de brasileiros residentes nos EUA – que trabalhavam no WTC e, portanto, poderiam estar entre as vítimas do desabamento dos edifícios.

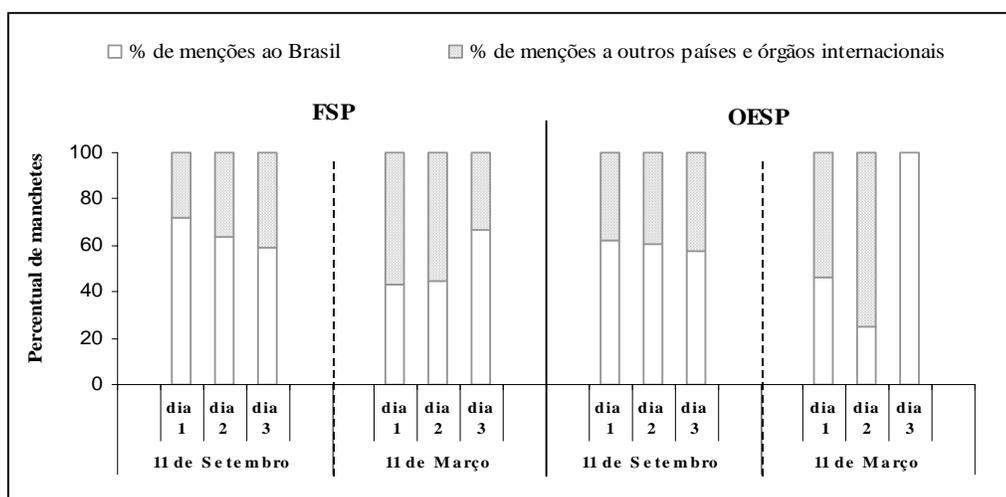


Figura 15. Percentual de manchetes que relatavam ou analisavam a repercussão internacional dos eventos fazendo menção ao Brasil ou a outros países ou órgãos internacionais.

Na ocasião do 11 de Março, o destaque dado pelos dois jornais ao Brasil foi diferente. O percentual de títulos que faziam referência ao Brasil foi inferior ao dos títulos que relatavam a repercussão em outros países nos dois primeiros dias em ambos os jornais – respectivamente, 42,8% e 44,4% na FSP, e 46,1% e 25%, no OESP – com

maiores percentuais na FSP em relação ao OESP. Já no terceiro dia, manchetes com relatos sobre o Brasil predominaram sobre os títulos que se referiam a outros países nos dois jornais, porém com maior percentual no OESP (100%) em relação à FSP (66,6%).

11. A cobertura dos jornais comparada à cobertura da CNN na Internet na ocasião do 11 de Setembro

A Figura 16 mostra, em percentuais, o conjunto de manchetes publicadas na FSP e no OESP sobre os dois eventos, que foram re-classificadas no presente trabalho segundo a descrição feita por Martone (2003) de cinco grupos criados pela agência de notícias CNN na cobertura dada ao 11 de Setembro em sua página na internet (www.cnn.com). Segundo Martone (2003), as notícias foram agrupadas no *site* de acordo com seu conteúdo, em matérias que traziam relatos sobre: *Vítimas*; *Dia do Terror*; *Investigação*; *Reconstrução*; e *Retaliação*. O autor analisou os títulos e primeiros parágrafos das notícias veiculadas no *site* da CNN entre o dia 11 e o dia 13 de Setembro de 2001. As manchetes que não puderam ser classificadas em nenhum dos grupos mencionados, foram agrupadas na categoria *Outros*. Apesar da diferença de 1 dia entre a CNN e os jornais especificamente na cobertura do 11 de Setembro, o conjunto de manchetes publicadas por eles é semelhante ao conjunto publicado pela agência nos três dias analisados.

Assim como na CNN, tanto na FSP, como no OESP, as manchetes classificadas em *dia do terror* foram as mais publicadas nos primeiros dias subsequentes ao 11 de Setembro (com 55% das matérias na FSP e 60% no OESP) – decrescendo rapidamente, chegando ao terceiro dia abaixo dos 10% em ambos os jornais. Já as matérias com títulos classificados como *reconstrução* foram ocupando um espaço cada vez maior ao longo dos dias, começando com 8,9% na FSP e 13,33% no OESP, chegando a

representar, no terceiro dia, 50% do total na FSP e 40% das matérias publicadas no OESP.

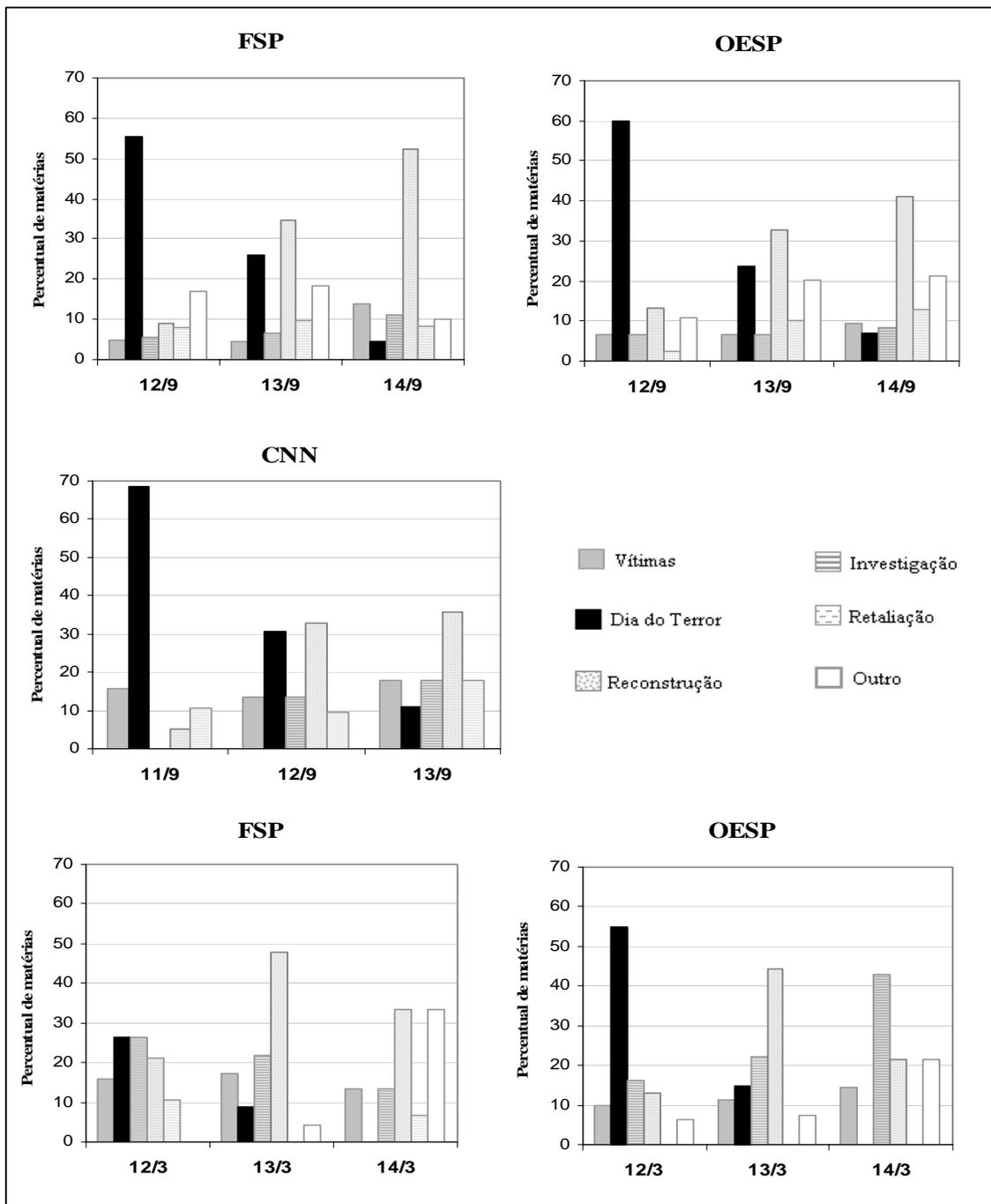


Figura 16. Manchetes da FSP e OESP sobre o 11 de Setembro – quadros superiores - e o 11 de Março – quadros inferiores - distribuídas em percentual, de acordo com as classificações criadas pela CNN – quadro central - na publicação de notícias sobre o 11 de Setembro em sua página na internet.

Uma outra semelhança entre jornais e CNN no evento dos EUA, foi a quantidade reduzida de manchetes que tratavam de *investigação*. Elas apareceram na página da CNN apenas nas primeiras horas do dia 12/9 - segundo dia de publicações *on-line* - que no caso dos jornais foi o primeiro dia. Tanto a FSP como o OESP, já apresentaram no dia 12/9 manchetes sobre *investigação*, ainda que em pouca quantidade em relação ao total – 5,7% na FSP e 6,7% no OESP. O percentual de manchetes assim classificadas continuou pequeno ao longo dos dias, com menos de 10% nos dois jornais no dia 13/9 (percentual inferior ao da CNN, que publicou 17,7% neste dia).

As manchetes sobre *vítimas* e as que mencionavam *retaliação* apareceram nos dois jornais também de maneira semelhante à CNN, porém com menor percentual - ficando abaixo dos 10% em quase todas as edições (a exceção foram as manchetes sobre *vítimas* na FSP, com 13,7% no terceiro dia).

Os dados acima mencionados sugerem que tanto a FSP, como o OESP, relataram o 11 de Setembro de maneira parecida à cobertura feita pela CNN em seu *site* – que por sua vez, pode ter funcionado como fonte determinando (pelo menos parcialmente) os relatos dos jornais.

Já as publicações de ambos os jornais na ocasião do 11 de Março, quando classificadas de acordo com os temas utilizados pela CNN, apresentaram uma configuração bastante diferente na distribuição das manchetes em relação ao noticiário do 11 de Setembro. Além das diferenças entre eventos, houve, também, diferenças marcantes entre os jornais neste caso.

Manchetes classificadas em *dia do terror* apareceram, na FSP, em menor percentual em relação às publicações do próprio jornal na ocasião do 11 de Setembro, com apenas 26,3% do total de títulos publicados no primeiro dia e 8,7% no segundo. Já o OESP publicou, nos dois primeiros dias do 11 de Março, títulos classificados como

dia do terror - de maneira semelhante às publicações na ocasião do 11 de Setembro - (com 54,8% do total de manchetes no primeiro dia, caindo para 14,81% no segundo). Porém, no terceiro dia, elas deixaram de aparecer.

As manchetes classificadas em *reconstrução* apareceram nos dois jornais diferentemente em relação às publicações do 11 de Setembro, quando a tendência na publicação de títulos assim classificados foi crescente nos três dias. Nos dois jornais, os títulos sobre reconstrução aumentaram bastante no segundo dia, em relação ao primeiro – de 21% para 47,8% na FSP, e de 12,9% para 44,4% no OESP - porém caíram no terceiro dia, ficando em 33,3% na FSP, e em 21,42% no OESP.

Manchetes sobre *investigação* alcançaram, em ambos os jornais, maiores percentuais diários no noticiário do 11 de Março, em comparação ao noticiário do 11 de Setembro. Houve, no entanto, diferenças entre os jornais nos percentuais publicados. Na FSP a tendência foi de queda, com pouco mais de 20% de matérias no primeiro dia, chegando a 13,3% no terceiro dia – ainda assim, mantendo um percentual superior em relação ao publicado pelo jornal na ocasião do 11 de Setembro. Já no OESP, a tendência foi crescente, com cerca de 16% do total de títulos no primeiro dia, 22,2% no segundo, e quase a metade (42,8%) do total de manchetes publicadas no terceiro dia.

Diferenças entre FSP e OESP surgiram, também, quando comparados os percentuais de manchetes sobre *retaliação* e sobre *vítimas* no noticiário sobre 11 de Março. Títulos sobre retaliação sequer apareceram no OESP, e na FSP, surgiram no primeiro dia (10,5%), não apareceram no segundo, e alcançaram apenas 6,6% do total de matérias no terceiro dia. Notícias com títulos sobre *vítimas* figuraram em maiores percentuais na FSP (entre 13,3% e 17,3%) - um pouco acima dos percentuais publicados pelo jornal na ocasião do 11 de Setembro. No OESP manchetes assim classificadas ficaram entre 9,6% e 14,2% do total publicado.

Por fim, é interessante notar que as notícias mais publicadas, independentemente do evento, ou do veículo, foram aquelas cujas manchetes foram classificadas em *dia do terror* – que de um modo geral relatavam os eventos, ou traziam relatos de testemunhas sobre os mesmos – seguidas de matérias com manchetes classificadas como *reconstrução* – que relatavam, por sua vez, os diversos tipos de repercussão ocorridos tanto nos países onde se deram os eventos, como no mundo, ou em setores específicos como a economia, segurança, entre outros.

A seção seguinte traz uma síntese dos resultados apresentados, discutindo sua relevância na resposta às questões de investigação que orientaram esta pesquisa, bem como implicações para estudos posteriores.

DISCUSSÃO

No presente trabalho buscou-se responder às seguintes perguntas de pesquisa: (1) Quais as características - formais e de conteúdo - dos relatos publicados em alguns veículos de imprensa do Brasil sobre os eventos de 11 de setembro de 2001 e 11 de março de 2004? (2.a) Há semelhanças e/ou diferenças em relação à forma ou ao conteúdo dos relatos num mesmo jornal na publicação dos dois eventos? (2.b) Há semelhanças e/ou diferenças em relação à forma ou ao conteúdo dos relatos entre os diferentes jornais na publicação do mesmo evento? (3) As características formais e de conteúdo da cobertura feita pelos jornais produziram diferentes comportamentos intraverbais a respeito dos eventos relatados naqueles que são afetados pelos relatos publicados em cada jornal?

O conjunto de dados produzidos sob o controle de tais perguntas conduz a alguns pontos que merecem discussão específica e, portanto, serão apresentados nos subtítulos a seguir.

Diferenças entre o 11 de Setembro e o 11 de Março no volume de notícias publicadas e na localização das matérias nos Cadernos dos dois jornais

Houve diferenças marcantes entre os eventos no volume de matérias publicado - não apenas em números, mas também em percentuais: o 11 de Setembro chegou a ocupar, em algumas edições, a metade do total de páginas dos jornais, enquanto o evento de Madri, quando muito, chegou aos 14% de ocupação de uma edição. O tipo de destaque conferido ao 11 de Setembro em termos da localização do evento no jornal também foi diferente em relação ao 11 de Março: os dois jornais publicaram um Caderno Especial de notícias para tratar do 11 de Setembro,

que começou a circular logo no segundo dia de publicação subsequente ao evento na FSP e no terceiro dia no OESP. O 11 de Março foi publicado apenas nos cadernos usuais de cada jornal, em especial nos Cadernos Internacionais respectivos, que, em ambos os casos, integram o Primeiro Caderno. Tais diferenças no tratamento dado pelos dois jornais a eventos que partilham de propriedades semelhantes - mas que ocorreram em países e momentos diferentes - permite questionar que características do país (ou cultura) no qual o evento ocorreu poderiam estar relacionadas ao tamanho da repercussão dada pela imprensa ao evento. Comparando-se mais eventos, uma outra variável também passível de investigação seria a magnitude do tipo de ação implementada e dos prejuízos causados pelos dois eventos, comparada ao tamanho e destaque encontrado na cobertura da imprensa.

Manchetes e imagens de origem estrangeira e sua relação com a perspectiva de Guerin (1992) sobre o conhecimento socialmente construído

Em todas as edições de ambos os jornais, a *reportagem* foi o tipo de matéria mais publicado, ao lado da *foto* – tipo de imagem mais freqüente. Em ambos os casos, a origem da maior parte das informações – de matérias e de imagens – foi externa aos jornais, sendo mais comuns as agências e jornais estrangeiros, autores/ colaboradores externos, e as agências nacionais de notícia. No caso da FSP, o uso de textos provenientes de sucursais e sub-sedes da própria Agência Folha no país tornaram a fonte primeira do relato inacessível ao leitor. No caso do OESP - com muitas matérias baseadas em fontes de quatro a seis agências e jornais estrangeiros, ou com textos inteiros traduzidos diretamente de jornais estrangeiros - a origem das matérias era claramente externa e os relatos,

também claramente, um conjunto composto por informações vindas de diferentes locais e grupos, tanto americanos, como europeus. Desse modo, grande parte do relato presente nas manchetes dos jornais teve como antecedentes, mais ou menos explícitos, outros relatos verbais – tratando-se, portanto, de comportamento do tipo intraverbal – que Guerin (1992) argumentou ser a base do conhecimento socialmente construído.

Esse dado é importante porque mostra claramente que o contato que os jornalistas tiveram com os eventos relatados foi indireto, ainda que em muitas manchetes o relato tenha sido apresentado na forma de um fato. Para isso contribui o próprio fato de se tratar aqui da imprensa escrita e impressa. Ao preparar a edição do jornal, os jornalistas não apenas estão sob controle de todas as regras que regem o comportamento de cada um deles, eles possivelmente têm seus comportamentos de escrever, de decidir que imagens usar, ou que distribuição e destaque dar às notícias também controlados pelas notícias que já leram nos jornais de outros países, na Internet, pelas imagens que viram e pelas informações que obtiveram pela TV, pelo rádio etc., para não falar de interações diretas (conversas, por exemplo). Ou seja, dificilmente os comportamentos óbvios dos jornalistas - de redigir, escolher matérias, imagens, compor páginas etc. - no momento em que prepararam suas matérias estavam sob controle do evento diretamente contatado, mas muito possivelmente, de outros relatos verbais que antecederam o seu escrever e de outras interações que de algum modo se relacionam com seu comportamento.

A reprodução da cobertura da CNN pelos jornais analisados foi mais um dado a apontar para a origem do ‘relatar’ dos jornalistas. Em ambos os jornais, nenhuma matéria trazia a agência CNN de notícias como fonte do texto em seus créditos, porém chamou a atenção à semelhança entre a cobertura feita por esta

agência – investigada por Martone (2003) - e a cobertura feita na FSP e no OESP. Tal semelhança entre jornais e o *site* da CNN merece ser destacada porque ela indica mais uma possível fonte – nesse caso não explicitada – de estimulação para os jornalistas. Um dado presente nas edições da FSP sugere a pertinência dessa interpretação: duas grandes reportagens relatavam a repercussão do 11 de Setembro na rede CNN de TV e a influência desta repercussão na cobertura dos canais brasileiros de TV. A manchete de uma dessas matérias publicada no primeiro dia subsequente ao evento, na FSP, era “TV transmite, consciente, o espetáculo”, e a manchete publicada no segundo dia foi, “CNN vira porta voz dos EUA” – esta última matéria trazia, inclusive, um *lead* relatando que o sinal da CNN fora usado em um dia (o próprio dia 11 de Setembro) mais do que em toda a Guerra do Golfo. Tais manchetes, somadas ao dado de semelhança entre a cobertura dos jornais e o noticiário da CNN em sua página na Internet conduzem à seguinte questão: Juntando-se o relato sobre o uso do sinal da CNN – ou seja, das imagens de sua cobertura nos canais televisivos do mundo todo - ao dado de semelhança entre as manchetes publicadas pela CNN no seu site e as manchetes da FSP e do OESP sobre o 11 de Setembro, pode-se afirmar que boa parte do relato apresentado pela imprensa brasileira é o ‘relato americano’ dos eventos. O relato americano que passa a ser o relato do leitor brasileiro, ou o que chamamos de conhecimento que este leitor brasileiro tem do ‘fato’. Em mais um aspecto, os dados produzidos mostraram-se úteis para identificar uma possível fonte externa de estimulação antecedente para o ‘relatar’ da imprensa.

Como os eventos foram relatados nas manchetes e imagens publicadas na Primeira

Página dos jornais

A análise das primeiras páginas produziu a identificação, em ambos os jornais, de vários aspectos estruturais e de conteúdo nas matérias de capa.

As manchetes constituem a principal chamada para a cobertura da imprensa em relação ao evento e são importantes porque configuram uma estimulação mais saliente para o leitor (além da foto, talvez), no sentido de gerar comportamento no leitor – possivelmente, primeiro o comportamento de ler o restante e/ou outras partes do jornal e, posteriormente, comportamentos verbais e não verbais como: falar sobre o “fato”, discutir o “fato”, ou comportar-se em relação ao “fato” de outras maneiras.

Os relatos apresentados nas manchetes da FSP e do OESP sobre os dois eventos traziam: uma “descrição” do evento no primeiro dia, uma “descrição” das primeiras reações ao evento na direção de impedir novos acontecimentos – no segundo dia, e uma “descrição” de quais eram os responsáveis que seriam procurados e punidos, no terceiro dia. Houve, no entanto, diferenças nas publicações que poderiam contribuir para a produção de conhecimento distinto sobre cada um deles - além das características mencionadas de volume publicado e destaque dado pelos jornais às matérias em seus cadernos. Tais diferenças diziam respeito aos termos utilizados nos títulos para se referir aos eventos, à repercussão nos países onde ocorreram, e aos supostos autores dos eventos.

As manchetes sobre o 11 de Setembro apresentaram uma *nação* (ou seu representante) – os EUA – como vítima de um *ataque*, de um *ato de guerra*. Ao fazê-lo prepararam o leitor para o que na nossa experiência segue-se a eventos como este: um *contra-ataque*, ou *guerra* e, conseqüentemente, a busca – por parte da agência governo – daquele que deveria, então, ser o alvo do *contra-ataque* – o autor do evento. E em se tratando do autor do evento, indivíduos

particulares foram nomeados. Osama Bin Laden foi o suspeito citado desde o primeiro dia de publicação, tanto na FSP como no OESP.

Já os textos das manchetes sobre o 11 de Março trataram do *massacre*, das *mortes de pessoas*. Civis apareceram como as principais *vítimas*, e como aqueles que responderam ao ato violento – no entanto, cidadãos não têm “licença para matar”, como os Estados. Civis não declaram uma guerra. E nesse sentido os textos prepararam o leitor para o que costuma vir depois de uma ‘*tragédia*’: os cidadãos marcham, protestam, acendem velas e pedem a paz – emitem comportamentos não violentos como reação aos ‘atos de violência’ sofridos e fazem isso enquanto indivíduos e não como representantes de agências. E com relação ao executor do evento, diferentemente do 11 de Setembro, agências – mais ou menos organizadas – foram cotadas como culpados: “terror islâmico”, “Al Qaeda”, “ETA”.

O 11 de Setembro transformado em ‘O atentado de NY’

O maior percentual de manchetes que relatavam a parcela do 11 de Setembro ocorrida em Nova York, em detrimento de relatos sobre o ocorrido no Pentágono ou na Pensilvânia, provavelmente resultou em implicações (diretas ou indiretas) nos relatos verbais emitidos posteriormente pelos leitores – o seu conhecimento socialmente construído

sobre o evento. Quanto às razões que teriam levado os jornais a conferir um maior destaque ao ocorrido em Nova York, é possível apenas especular se teria havido uma tentativa da agência governamental de diminuir a publicização (1) do ocorrido no Pentágono, por razões de segurança, ou para evitar a estimulação aversiva de ver exposta ao público a fragilidade do ‘poderoso’ complexo militar; e (2) do ocorrido com

o avião que caiu na Pensilvânia, na tentativa de encobrir a execução de uma manobra militar contra um ‘alvo civil’, o que provavelmente seria motivo de desaprovação dos cidadãos americanos em relação ao Governo.

Este resultado é importante porque sugere a possibilidade de uma direta manipulação da imprensa (não importa se da imprensa brasileira, ou da imprensa que serviu de fonte para a imprensa brasileira), e explicita o quanto o relato apresentado sob a rubrica de ‘relato direto dos fatos ao leitor’ é uma construção não objetiva / não neutra: conhecemos dos eventos aquilo que nos é contado, e mesmo o que nos contam pode ser facilmente suprimido do relato quando conveniente - e quando o evento deixa de ser relatado, deixa de existir. O 11 de Setembro, dessa maneira, pode ter se tornado também “O atentado ao WTC”, ou “O atentado de Nova York” e como conseqüência aspectos importantes do evento, como o número de vítimas no Pentágono, podem não fazer parte do conhecimento construído pelos indivíduos que contataram o evento por meio de um dos jornais, ou de ambos.

Namo (2001) verificou que o tipo de crime mais relatado nas manchetes das primeiras páginas da FSP, no ano de 1999, foi o homicídio – e que este crime, por sua vez, não foi o primeiro em números de ocorrências registradas nas estatísticas da Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. O autor argumentou que o destaque dado pelo jornal a um crime que não era o mais freqüente (1) revelava a existência de distorções no relato da imprensa, (2) que podiam ter ocorrido devido a contingências relacionadas ao número de exemplares vendidos, por exemplo. No presente trabalho, o destaque dado à porção nova-iorquina do 11 de Setembro pelos dois jornais analisados pode ser interpretado como distorção no conhecimento produzido pela imprensa sobre o evento. E além das variáveis de controle relacionadas à manipulação governamental da cobertura, outras variáveis, como a venda dos

exemplares, podem ter exercido controle sobre os jornalistas e editores na seleção e montagem das edições – haja vista a publicação dos Cadernos Especiais sobre o evento tanto na FSP, como no OESP.

Sobre a classificação criada para a análise do conteúdo das manchetes e imagens

O conteúdo das manchetes e imagens publicadas pela FSP e pelo OESP, no 11 de Setembro e no 11 de Março, foi majoritariamente sobre a *repercussão* dos eventos, com exceção das imagens de todas as edições publicadas no primeiro dia subsequente aos dois eventos, das quais cerca de 30% a 40% retratavam o *evento e vítimas*. Essa semelhança entre as maneiras de “relatar” os eventos, em ambos os veículos, chama atenção, uma vez que se constata haver um modo de relatar comum aos jornais num primeiro momento posterior à ocorrência dos eventos: as imagens parecem ser mais importantes do ponto de vista de ‘contar o que aconteceu’ ao leitor, enquanto as manchetes, já na primeira edição, se concentram em relatar a ‘repercussão do fato’, ou seja, acontecimentos posteriores à ocorrência do evento.

As manchetes que retratavam a repercussão, por sua vez, quando reclassificadas, permitiram a visualização da maneira como os jornais organizam o relato de modo tanto a (1) contar ‘fatos’ ocorridos, como repercussão direta e indireta dos eventos, como a (2) traçar análises com respeito a acontecimentos futuros, ou à extensão da repercussão dos eventos, ou mesmo análises sobre a autoria dos eventos.

Ainda que a maior parte das manchetes de quase todas as edições analisadas – exceção do primeiro e terceiro dias do 11 de março na FSP - trouxesse *relatos da repercussão*, a presença constante de matérias que faziam

análises, interpretações e previsões sobre a repercussão em ambos os jornais, e para ambos os eventos, indica que a cobertura da imprensa também constrói, deliberadamente, diferentes eventos. E uma das principais implicações recai sobre a seguinte condição: os leitores que contatam ‘o mundo’ por meio do relato da imprensa podem estar acessando um evento ou realidade que é ‘virtual’, em alguma medida, tal como mencionado por Guerin (1992).

Mais ainda a ênfase na interpretação e na previsão pode ter papel importante no controle do comportamento desse leitor a partir da leitura: aí está o que se chama de gerar expectativas ou de gerar predisposição para a ação – seja ela verbal ou não.

Algumas considerações sobre dificuldades de Método e o encaminhamento para novos estudos

O desenvolvimento de uma metodologia de análise deve ser pensado enquanto problema de futuras pesquisas, pois foi tarefa árdua configurar, a partir do texto das manchetes e *leads*, classes que se adequassem aos títulos das matérias de modo que produzissem condições de identificar padrões consistentes no relato dos jornais. A classificação *relatos mistos* utilizada para a análise das manchetes sobre repercussão, por exemplo, mostrou-se pouco funcional e provavelmente não seria necessária diante de uma maior precisão na confecção dos critérios para as classificações: *relatos sobre repercussão* ou *análise da repercussão*. No entanto, sua limitação foi detectada num momento já avançado da análise dos resultados.

A seleção de três dias de publicações de cada jornal e de cada evento, por sua vez, produziu um grande volume de dados que, no entanto, responderam às perguntas de pesquisa do presente trabalho de maneira inicial, pois a quantidade

de edições ainda é pequena para compor adequadamente um perfil de como os eventos foram contados, considerando-se inclusive a importância de investigar, por exemplo, a partir de quando cada um deles deixou de ser relatado em cada jornal. Analisar a cobertura inteira dada a um ou mais eventos deve, portanto, vir a ser tarefa de estudos posteriores.

O intercâmbio com pesquisadores na área da Comunicação pode ajudar os pesquisadores analistas do comportamento interessados no relato da imprensa a produzir ferramentas mais aprimoradas para a investigação de relato verbal em veículos de mídia impressa. Isso porque o contato com estudos desta outra área poderia esclarecer alguns dos controles envolvidos na produção jornalística, considerando-se desde a maneira como um evento é pautado – tornando-se ‘alvo’ do relatar da imprensa – até a confecção de um texto para a publicação em jornal, e ainda, que contingências mais amplas podem fazer parte do controle do comportamento de jornalistas, editores e proprietários de meios de comunicação impressa, como o jornal.

No presente estudo buscou-se desenvolver ferramentas e procedimentos de investigação do comportamento verbal produzido por um meio de mídia – o jornal – partindo da perspectiva de que o comportamento verbal tornado jornal ocupa lugar importante na produção e manutenção de um outro fenômeno, conhecido como Construção Social do Conhecimento. E, nesse sentido, insere-se num conjunto de estudos que buscam produzir conhecimento que auxilie a compreender a parcela de determinação dos meios de mídia no conhecimento que o homem estabelece sobre o mundo e sobre ele mesmo. Este caminho tem sido trilhado, em especial, por analistas do comportamento interessados em questões sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andery, M. A. & Sério, T. M. (1996). Violent episodes as reported in Brazilian newspapers: a tentative analysis based on Sidman's Coercion and It's Fallout. Poster apresentado na XXII convenção anual da Association for Behavior Analysis Convention, San Francisco.

Ellis, J. (1991). Contingencies and metacontingencies in correctional settings. Em. P.A. Lamal (ed.) Behavioral Analysis of Societies and Cultural Practices. New York: Hemisphere Publishing Corporation, pp. 201-217.

Glenn, S. S. (1986). Metacontingencies in Walden Two. Behavior Analysis and Social Action, 5, 2-8.

Glenn, S. S. (1988). Contingencies and metacontingencies: toward a synthesis of Behavior Analysis and Cultural Materialism . The Behavior Analyst, 11 (2), 161-179.

Glenn, S. S. (1991). Contingencies and metacontingencies: relations among behavioral, cultural and biological evolution. Em. P.A. Lamal (ed.) Behavioral Analysis of Societies and Cultural Practices. New York: Hemisphere Publishing Corporation, pp. 39-73.

Guerin, B. (1992). Behavior Analysis and the social construction of knowledge. American Psychologist, 47 (11), 1423-1432.

Kellner, D. (2001). A cultura da mídia. Bauru: EDUSC.

Kunkel, J. H. (1991). Apathy and Irresponsibility in social systems. Em. P.A. Lamal (ed.) Behavioral Analysis of Societies and Cultural Practices. New York: Hemisphere Publishing Corporation, pp. 219-240.

Kunkel, J. H. (1997). The analysis of rule governed behavior in social psychology. The Psychological Record, 47, 699-176.

Laitinen, R. & Rakos, R. (1997). Corporate control of media and propaganda: A behavior analysis. Em: P.A. Lamal (ed.) Cultural Contingencies: behavior analytic perspectives on cultural practices. Westport: Praeger Publisher, pp. 237-267.

Malagodi, E. F. (1986). On radicalizing behaviorism: a call for cultural analysis. The Behavior Analyst, 9, 1-17.

Martone, R. (2003). Traçando práticas culturais: a imprensa como ferramenta de controle social. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUC-SP.

Mattaini, M.A. & Magnabosco, J.L. (1997). Reworking welfare: untangling the web. Em P.A. Lamal (ed.). Cultural contingencies. behavior analytic perspectives on cultural practices. Westport: Praeger Publisher, pp. 151-167.

Namo, D. (2001) A violência retratada por um meio de comunicação de massa: uma perspectiva behaviorista radical. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUC-SP.

Rakos (1993). Propaganda as Stimulus Control: the case of the Iraq invasion of Kuwait. Behavior and Social Issues, 3, 35-62.

Ribeiro, E. (2003). Feitiço das bancas e circulação dos jornais. Site da Associação de jornais e revistas de bairro de São Paulo: <http://www.ajorb.com.br/aj-tiragem.htm>. Acessado em 29 de maio de 2005.

Rillo Otero, M. (2002). O compromisso do analista do comportamento com as questões sociais: uma análise a partir de publicações. Dissertação de Mestrado, Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, PUC-SP.

Skinner, B. F. (1948/1977). Walden II. São Paulo: EPU.

Skinner, B. F. (1953/2003). Ciência e Comportamento Humano. São Paulo: Martins Fontes.

Skinner, B. F. (1957/1978). O comportamento verbal. São Paulo: Cultrix. (Tradução: Maria da Penha Villalobos).

Skinner, B. F. (1974/2002). Sobre o behaviorismo. São Paulo: Cultrix. (Tradução: Maria da Penha Villalobos).

Skinner, B. F. (1978). Reflection on Behaviorism and Society. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Skinner, B. F. (1986). What is wrong with daily life in the Western world? American Psychologist, 41, 568-574.

Skinner, B. F. (1987). Selection by consequences. Em: B. F. Skinner. Upon Further Reflection. Englewood Cliffs: Prentice Hall.

Todorov, J. C. (1987) A constituição como metacontingência. Psicologia, Ciência e Profissão, 1, 9-13.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)